

EQUIPAS DE NOSSA SENHORA



ESPERA-ME UM GRANDE AMOR

1ª Edição - Julho 2003

Índice

Apresentação 3

I. Os outros e nós

- 1ª Reunião - Envelhecer, sorte...ou azar? 5
 - A. Também se pedem santos da quarta idade
 - B. Retirada ou Renovação
- 2ª Reunião - Amor e velhice 11
 - A. Deficiências da idade e propostas para as superar
 - B. Alguns conselhos para envelhecer bem
 - C. A gestão do tempo
 - D. As últimas idades do amor
- 3ª Reunião - De geração em geração 27
 - A. Nostalgia do passado ou esperança de renascimento
 - B. Manter-se aberto ao diálogo
 - C. Dizer a vida
- 4ª Reunião - Evolução da vida de equipa 39
 - A. Testemunho de equipas antigas
 - B. Objecções aos pontos concretos de esforço
 - C. A viuvez: ponto de vista da equipa

II. Deus e nós

- 5ª Reunião - A paz interior 51
- 6ª Reunião - A Comunhão dos Santos e a intercessão 59
- 7ª Reunião - O Sacramento dos doentes. O Santo Viático 67
 - A. O Sacramento dos doentes
 - B. O Santo Viático
- 8ª Reunião - A vida para lá da vida 77
 - A. A passagem
 - B. Ressurreição. Para lá da morte

Anexos 93

- 1. Escolher uma casa de repouso
- 2. Preparar a partida
- 3. Opinião dum médico sobre o fim da vida
- 4. Manter a vida a todo o custo
- 5. Oração para o crepúsculo da vida

Bibliografia 101

APRESENTAÇÃO

Este tema de estudo tem por objectivo dar resposta a um certo número de membros do Movimento das Equipas de Nossa Senhora que já passaram largamente a idade da reforma. As questões que se põem aos 80 anos já não são as mesmas dos 60 anos. Existe, de facto, um tema mais especialmente dedicado aos recém-reformados “**Fica connosco...**” mas não é específico para uma idade mais avançada.

Na Supraregião de Portugal não existia nenhum tema preparado para os casais com mais idade e para os viúvos (as) e havia muitas equipas a solicitar o envio de temas mais adequados à etapa da vida que os seus casais estão a viver.

Depois de muitas diligências, conseguiu-se obter este tema, elaborado pela Supraregião de França, cabendo-nos apenas fazer a tradução.

Este tema gostaria de ser um hino à vida e ao casamento, um estímulo para que os casais de mais idade, ao lê-lo e estudá-lo, continuem no caminho da santidade proposto pelo Movimento, através e pelo seu sacramento do matrimónio, apesar dos obstáculos que constituem as incapacidades físicas, a idade e, eventualmente, a viuvez.

É também um testemunho que os antigos têm para dar às novas gerações.

Agradecemos vivamente às equipas e a todos os seus membros que nos queiram ajudar com os seus comentários e as suas sugestões após o estudo deste tema, (que sabemos ter algumas imperfeições) para as necessárias correcções. As vossas reflexões serão sempre bem-vindas...

Cada equipa poderá, evidentemente, escolher o seu ritmo de trabalho, saltar um capítulo ou então estender a sua reflexão sobre um deles por várias reuniões.

A Equipa Supraregional
Setembro 2003

Espera-me um grande amor

O que se vai passar do outro lado,
quando tudo para mim
tiver mergulhado na eternidade,
não sei.

Creio, creio apenas
que um amor me espera.

Sei, no entanto, que, então, terei de fazer,
pobre e sem peso,
o balanço do meu ser, mas não pensem
que desespero,
eu creio, creio com toda a força
que um amor me espera.

Não me falem das glórias e louvores
dos bem-aventurados
e também não me digam nada sobre os anjos.
tudo o que eu posso,
é crer, crer teimosamente
que um amor me espera.

A minha hora está agora tão próxima e o que hei de dizer?
Nada mais que sorrir.
Naquilo em que acreditei, acreditarei com mais força
à porta da morte.
É para um amor
que eu caminho ao partir,
é para dentro de um amor que eu desço devagarinho.
Se eu morrer, não chorem,
é um amor que me toma.

Se eu tiver medo - e porque não? -
Lembrem-me simplesmente
que um amor, um amor me espera.
e vai abrir-me, toda inteira,
à sua alegria, à sua luz.

Irmã Marie du Saint-Esprit (1922-1967)

I. Os outros e nós

Envelhecer, sorte... ou azar?

Primeira
Reunião

“Ide vós também para a minha vinha” (Mt 20,4)

A. TAMBÉM SE PEDEM SANTOS DA QUARTA IDADE

Será que, na lista dos santos reconhecidos, existem santos que foram santificados **na** e **pela** sua extrema velhice? São Policarpo, bispo de Esmirna no século II, morreu com mais de oitenta anos. Santo António, no deserto do Egito, campeão em todas as categorias, deixou este mundo com cento e cinco anos. Mas o primeiro encontra-se inscrito no catálogo como mártir e o segundo é venerado como fundador da vida monástica. Houve provavelmente outros, dados como exemplo por causa do que viveram na sua juventude, ou na sua maturidade. Mas não conhecemos Santos e Santas canonizados por causa de virtudes praticadas na sua velhice.

Pouco importa! Canonizáveis ou não, qualquer que seja o peso dos anos, temos de nos tornar Santos.

Claro que, como membros das Equipas de Nossa Senhora, não temos estado à espera de começar. Já ouvimos há muito tempo os primeiros chamamentos. Infelizmente, temos agora mais consciência de como, por vezes, os ouvidos estavam tapados e os esforços eram preguiçosos. Mas resta-nos a décima-primeira hora! O último doze-avo da existência, e até menos, chega para responder à chamada.

Cabe-nos estar acordados, ouvir, reagir e deitar mãos à obra.

Esposos, se temos a alegria de caminhar ainda juntos, devemos-nos ajudar a fazê-lo. E se a morte nos separou, temos a certeza de que

aquele ou aquela que já atravessou a passagem – a Páscoa – não deixará de nos acompanhar e de nos conduzir.

B. RETIRADA OU RENOVAÇÃO?

Convém aqui fazer um balanço dos meios e dos objectivos, tendo em conta um novo elemento, “**o factor tempo**”. Como beneficiar da nossa nova disponibilidade e analisar a nossa situação numa perspectiva alargada?

- **balanço social:** a minha situação mudou relativamente à sociedade?
- **balanço da amizade:** as minhas relações de amizade mudaram, alargaram-se ou restringiram-se?
- **balanço familiar:** as minhas relações e as minhas responsabilidades evoluíram?
- **balanço em casal:** a presença dominante de um dos cônjuges é uma sorte ou um azar?
Será que é reveladora das nossas personalidades e das nossas diferenças?
- **balanço de nós-próprios:** ao enriquecermo-nos do húmus onde mergulham as nossas raízes vitais.
Cultivamos uma humildade intuitiva?
Apostamos nos carismas que temos de desenvolver segundo a nossa natureza sexuada masculina ou feminina?
- **balanço de fé:** damos mais importância à nossa vocação humana e à nossa relação com Deus? Como dizer a nossa fé? Como é que falamos dela? Sabemos falar dela?
Estamos em marcha para a Esperança ou para o Desalento?
A Vida é ainda uma boa nova ou um fardo?
A idade, a idade avançada é, sob uma aparência pouco atraente, o tempo que nos prepara para descobrir a grande beleza do nosso “SER CRIADO” destinado ao Amor...

Terceira ou quarta idade? A nossa santidade, Senhor, está entre as tuas mãos, bem guardada. Vai ser ainda um longo caminho? Ou vai ser por pouco tempo? Não sabemos. As obras mais marcantes da nossa existência estão atrás de nós: a família, a profissão, os encontros, as tarefas cumpridas. Falta a última subida, a mais obscura, que teremos mais tarde ou mais cedo de enfrentar sozinhos. Sozinhos não, Senhor, contigo. Fica connosco, Senhor, o dia está a desaparecer, segura-nos bem.

“Nas tuas mãos, coloco a minha vida”

Palavra de Deus para a oração na reunião (Mt 20, 1-16)

Com efeito, o reino dos céus é semelhante a um proprietário que saiu ao romper da manhã afim de contratar trabalhadores para a sua vinha. Ajustou com eles a um denário por dia e enviou-os para a sua vinha. Saiu depois pela terceira hora, viu outros que estavam na praça, ociosos, e disse-lhes: “Ide vós também para a minha vinha e tereis o salário que for justo.” E eles foram.

Saiu de novo pela hora sexta, e pela hora nona, e fez o mesmo. Saindo pela hora undécima, encontrou ainda outros que ali estavam e disse--lhes: “Porque ficais aqui todo o dia sem trabalhar?” “É que, responderam-lhe, ninguém nos contratou.” Ele disse-lhes “Ide vós também para a minha vinha”. Ao entardecer, o dono da vinha disse ao capataz: “Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário começando pelos últimos até aos primeiros.” Vieram os da hora undécima e receberam um denário cada um. Vieram, por seu turno, os primeiros e julgaram que iam receber mais, mas receberam também um denário cada um. Depois de o terem recebido, começaram a murmurar contra o proprietário, dizendo: “Estes últimos só trabalharam uma hora e deste-lhes a mesma paga que a nós, que suportámos o cansaço do dia e o seu calor.”

Respondeu a um deles: “Em nada te prejudico, meu amigo. Não foi um denário que nós ajustámos? Leva pois o que te cabe e segue o teu caminho. Apraz-me dar a este último tanto como a ti. Não me será permitido dispor dos meus bens como me aprouver? Ou tu hás-de ter maus olhos por eu ser bom?”

Pistas de reflexão

- Quais são as riquezas - saúde, ambiente, possibilidades diversas - de que eu disponho? Em que é que as posso utilizar, atendendo aos meus carismas?
- Quais são as que já não tenho, ou que, razoavelmente, eu deveria abandonar?
- Para os esposos: Como ajudar o outro a viver este duplo inventário dentro da lucidez e da fé?
- Muitas vezes visitamos pessoas velhas ou doentes. Sofrem por se sentirem fardos, inúteis. Como poderemos mostrar-lhes esta “*vocação última*”, esta “*chamada para uma nova fecundidade*” que Jesus propõe nestas provações?

Regra de vida

- Oferecer o meu dia
- Encontrar o lado positivo de uma das minhas deficiências

Textos de apoio

1 - Pensamentos para a 3^a/4^a idade

A terceira idade reduz-nos aos “*Meios Pobres*”: a acções muito humildes, a gestos secretos para os outros. A Comunhão dos Santos é o mistério deslumbrante e, no entanto, invisível da velhice. Se não damos à nossa terceira idade esta dimensão perdemos o resto dos nossos dias.

Para um cristão, a estação conveniente para expulsar o “*homem velho*” é justamente a velhice.

Um cristão não deve esperar a sua Sexta-feira santa, para viver deliberadamente a sua Quinta-feira santa. Dar-se aos outros, antes de se abandonar a Deus.

Passada uma certa idade, há um monte de coisas que já não conseguimos obter de nós próprios – e muitas outras que podemos finalmente ter.

“*Fica conosco...*” – Como no caminho de Emaus, é a Cristo, e só a Ele, que se pode fazer definitivamente este pedido, quando se entrou no crepúsculo.

Cristãos de idade já avançada, se o facto de se aproximarem a passos largos de Deus não mudar nada em vós, se isso não transparecer no vosso olhar nem no vosso sorriso, como querem que os que têm a pouca sorte de estar longe Dele acreditem Nele?

A velhice faz-nos morrer no mundo, antes que a morte nos faça nascer em Deus.

Pensamentos extraídos de Gilbert Cesbron

2 - A realização do meu sonho

Santa Teresa do Menino Jesus, um ano antes da sua morte aos 24 anos, evoca tudo o que tinha sonhado fazer para salvar os outros e que não conseguiu realizar. E descobre a riqueza de uma vida e de uma vocação aparentemente estéreis.

*“Enfim, tinha encontrado descanso...Considerando o corpo místico da Igreja, não me tinha identificado com nenhum dos membros descritos por São Paulo, ou antes, queria identificar-me com todos...A **Caridade** deu-me a chave da minha vocação. Compreendi que, se a Igreja tinha um corpo composto de vários membros, o mais necessário, o mais nobre de todos não lhe faltava; compreendi que a Igreja tinha um coração e que esse coração ardia de **Amor**. Compreendi que só o Amor movia os membros da Igreja, que se o Amor viesse a apagar-se, os Apóstolos não anunciariam mais o Evangelho, os **Mártires** recusar-se-iam a derramar o seu sangue...Compreendi que o **Amor continua todas as vocações, que o amor era tudo, que abraçava todos os tempos e todos os locais...numa palavra, que era eterno!***

*Então, excedida pela minha alegria delirante, exclamei: Ó Jesus, meu amor...minha vocação, encontrei-te finalmente, **a minha vocação é o Amor!**...*

Sim, encontrei o meu lugar na Igreja, e esse lugar, ó meu Deus, fostes Vós que mo destes...no coração da Igreja, minha Mãe, serei o Amor...assim serei tudo...assim realizar-se-á o meu sonho!!!!...”

Manuscrito B, Obras completas, 1992, p.226

I. Os outros e nós

Amor e Velhice

Segunda Reunião

“Põe toda a tua confiança no Senhor.” (Pr 3,5)

A - DEFICIÊNCIAS DA IDADE E PROPOSTAS PARA AS SUPERAR

Um ser humano que envelhece sofre, mais cedo ou mais tarde, de deteriorações da saúde e de modificações do comportamento. Estas deficiências, que cada um vive com uma sensibilidade própria, não estão isoladas, reagem umas sobre as outras.

1 - Deficiências físicas. Remédios propostos

Qualquer prejuízo corporal transtorna a actividade habitual e obriga a uma certa dependência do ponto de vista motor, visual, auditivo, etc...., acompanhada de lentidão, de descontrolo, de cansaço por tudo e por nada...; escravidão dos exames médicos e de cuidados de várias naturezas, angústias e sofrimentos que são, vezes demais, dose diária...

Alguns *“pequenos meios”* e *“grandes remédios”* ajudam-nos a lutar contra estes infortúnios.

Os *“pequenos meios”*:

- Não descuidar a alimentação com o pretexto de que não temos apetite nenhum ou que a esposa perdeu o gosto de cozinhar.
- Recorrer à ginástica, à marcha, ao desporto. Em compensação, saber deixar, na altura devida, a condução do automóvel,

mesmo se o nonagenário, ou mesmo octogenário, se acha bem conservado.

Os “grandes remédios”:

- Aceitar uma operação ou um tratamento de longa duração aconselhados pelo médico. Isto implica uma reflexão sobre o sentido da vida; não fomos feitos nem para bater recordes de longevidade, nem para nos deixarmos abandalhar.
- Ir para uma casa de repouso (v. anexo 1)
- Mudar de casa para viver mais perto dos filhos.

Não estamos sós para enfrentar estas provações. Deus vive-as conosco e à sua maneira, mas com a Sua Graça podemos aceitar as renúncias que não teríamos escolhido por nós próprios.

2 - Deficiências intelectuais. Remédios propostos

São, muitas vezes, as mais difíceis de aceitar: falta de concentração, esquecimentos, hesitações na ortografia, confusão de palavras, sonolências súbitas, etc.

“Remédios”:

- Cultivar a paciência com os outros e, em primeiro lugar, com o cônjuge mesmo que nos obrigue a repetir dez vezes a mesma frase! Levar para a brincadeira os nossos disparates se só nos afectam a nós e tentar compensá-los com gentileza se afectarem outras pessoas.
- Manter o gosto pela cultura sob todas as suas formas: privilegiar os nossos passatempos favoritos, ir a conferências (bíblicas, literárias, artísticas...) reagir à leitura de um livro (tomar apontamentos), às emissões de rádio ou de televisão, jogar jogos variados.

As tão receadas insónias permitem pôr a trabalhar a memória e a imaginação: recitar poemas, inventar jogos, relembrar números de telefone, etc. Ao contrário, podemos lutar contra a insónia criando um vazio dentro de nós, olhando para o interior das nossas pálpebras ou comendo uma maçã. Cada um deve encontrar a melhor fórmula.

3 - Deficiências espirituais e morais. Remédios propostos

Em vez de nos deixarmos levar pela corrente: *“Acabou-se, já vivi o meu tempo, Deus já não me pede mais!”*, mais vale adoptar o princípio: *“Cada dia é um começo.”*

É a altura de vivermos o desapego, sem nos deixarmos sobrecarregar demasiado pelos erros do passado nem recearmos as incertezas do futuro. Marido e mulher quase nunca envelhecem ao mesmo ritmo; os seus feitios não evoluem da mesma forma e as incompreensões acumulam-se... Cada um julga ter razão, cada um quer preservar a sua independência.

Entre cônjuges nem sempre ousamos falar das nossas maiores preocupações: em especial, a de ver partir definitivamente o outro, o nosso cônjuge. Talvez haja uma forma de falar no assunto com serenidade durante um dever de se sentar. Os medos verbalizados são muitas vezes mais fáceis de levar. Dar-se ao trabalho de “olhar” o nosso cônjuge, de ir ter com ele, se ele não consegue ou não quer falar! Um gesto de ternura é uma ajuda ou um estímulo precioso. Pensar no desespero daquele ou daquela que se julga - talvez sem razão - inexistente para o outro. *“Dando a mão ao outro para o amparar, levantamo-nos nós mesmos para ir em frente.”* (Irmã Emmanuelle)

“Remédios” :

- Não nos deixarmos abater. Em alternativa, viver o desapego: na vida há um tempo para agarrar e um tempo para largar. Estamos agora no tempo de nos soltarmos.
- Procurar Deus até ao último minuto da nossa existência, na noite ou na claridade da fé.
- E finalmente, domesticar a nossa morte: ela é a passagem para a luz e é assim mesmo que temos de a encarar.

B - ALGUNS CONSELHOS PARA ENVELHECER BEM

A velhice é um encontro marcado mais original do que aquilo que julgamos. Como diz Jacques Gaucher (psicólogo), *“a velhice é outro estádio do desenvolvimento do indivíduo. Da mesma forma que admitimos que a criança não é um adulto em miniatura mas que reage segundo a sua psicologia própria, é preciso reconhecer hoje em dia que a pessoa de idade não é um adulto diminuído, um adulto em regressão, é um ser que evoluiu. Um idoso não tem um desempenho pior, é apenas diferente, pois as suas capacidades mentais são outras.”*

Assim, com o avançar da idade, as pessoas devem adaptar-se e recriar novas condições de vida:

- O trabalho como pais terminou - claro que fica a dimensão afectiva e é importante - mas as várias relações sociais que a ele estavam ligadas desapareceram quase todas.
- A profissão que nos conferia um estatuto, responsabilidades e contactos múltiplos já não existe.
- Finalmente, a viuvez para alguns traz com ela a solidão afectiva.

1 - Adaptar-se a novas condições de vida

Se considerarmos que a auto-consciência é, em grande parte, uma consciência relacional, toda a perda relacional é vivida com muita dificul-

dade e é necessária a mobilização de todas as energias para recriar um universo equilibrante, portador de alegria e de paz. Já foi sugerido cultivarmos os nossos passatempos favoritos e outros interesses culturais. É preciso continuarmos a manifestar interesse não só pelos eventos familiares mas também pelos mundiais e não ficarmos fechados no nosso próprio universo. Pensar num apoio escolar, numa alfabetização, tentar dar uma ajuda a associações culturais, caritativas, desenvolver ou criar novas relações; não faltam as possibilidades oferecidas pela sociedade em todos os domínios. Não ficarmos isolados é a palavra-chave. A vida é acolhimento, permuta e dom e as pessoas que avançam na idade não devem esquecer que são ricas em potencialidades e podem trazer muito a elas próprias e aos outros: valores de reflexão, de meditação, de sabedoria, de disponibilidade.

Estas pessoas vivem obrigatoriamente num modo mais “*lento*” – no qual a sociedade bem poderia inspirar-se – o que lhes permite contemplar, saborear todas as nuances e todas as cores da vida. O tempo encarna-se e passa a ter sentido.

A disponibilidade: esta capacidade que nos torna abertos e prontos a acolher todas as propostas que a vida oferece a cada um de nós. A pessoa disponível é alguém que escuta com respeito, que está presente para o outro, que se compadece. Quantas riquezas se vivem assim!

Felizes os netos, entre outros, que vêm recarregar baterias e encontrar paz junto dos seus avós.

2 - Saber analisar as coisas noutra perspectiva

A experiência permite-nos ver os acontecimentos de uma perspectiva generalizada, apreender melhor o seu verdadeiro significado, o valor real das coisas, distinguir o essencial do acessório: o que nos ajudará a pôr em questão algumas ideias que foram as nossas durante dezenas de anos, a relativizar os nossos juízos. Em todas as coisas, há uma parte verdadeira e

uma parte falsa. Este desapego das coisas e de nós próprios torna-nos mais disponíveis para compreender os outros. É o tempo do amor desinteressado: gostamos dos outros pelo que são, sem julgar quando não os compreendemos. É o tempo da liberdade para a reflexão, para o pensamento; é o tempo da serenidade que não é abandono resignado a uma fatalidade; é, mais do que nunca, o da confiança. Depois das lutas da vida, é a calma reencontrada. Depois do tempo da acção, é o da contemplação, do encontro, cara-a-cara, com o divino que se aproxima.

Todo este caminho de verdade, na nossa pessoa e na vida, permite tornarmo-nos mais nós próprios mas não nos impede de permanecer criativos.

3 - Permanecer criativo

Não é verdade que acabaram de descobrir que se permanece criativo depois dos 60 anos? É o que demonstram trabalhos recentes sobre o córtex cerebral. Com efeito, a nossa preciosa massa cinzenta é uma estrutura dinâmica, constantemente remodelada pela experiência. O nosso cérebro, instrumento maravilhoso, é muito mais resistente ao envelhecimento do que costumamos dizer. Cada neurónio velho participou, ao longo da sua existência, à reorganização cerebral consequente à morte de neurónios vizinhos – o número e o grau das ramificações “*dendríticas*” aumenta em certas circunvalações até aos oitenta ou mesmo oitenta e cinco anos, permitindo assim repovoar zonas abandonadas e restabelecer a passagem do fluxo nervoso.

Temos mesmo de nos convencer desta ideia: o nosso cérebro só se desgasta se não nos servirmos dele; o exercício intelectual sob todas as suas formas é indispensável à vida mental, sem esquecer, como dizia Louis Armand, que “*é também o espírito que conduz a mão*”.

C. A GESTÃO DO TEMPO

Benjamin Franklin dizia “*Time is money*” (Tempo é dinheiro). É provável que, na sua óptica, tenha sido verdade. Aqui, a nossa óptica não é a mesma; no entanto, diremos que o tempo é uma riqueza que Deus nos dá.

Todas as manhãs, ao levantar, temos à nossa disposição um certo “*capital de horas*” para organizar da melhor forma possível; muitos dos nossos contemporâneos consideram que este capital de horas é precioso e não gostam dos imprevistos ou dos importunos que os fazem “*perder tempo*”! “*Perder*” tempo, “*ganhar*” tempo, “*arranjar*” tempo, todos estes verbos se aplicam à riqueza.

1 - Arranjar tempo para Deus

Saber organizar o seu dia de uma forma inteligente é uma necessidade para toda a gente pois se o não fizermos, mais uma vez, “*perdemos tempo*” com a barafunda e as incoerências. Para um cristão esta necessidade é ainda mais importante: trata-se da vida com Deus.

Durante o período activo da vida, nem sempre é fácil encontrar tempo, pois os dias estão muitas vezes preenchidos com obrigações inadiáveis (profissão, filhos, etc., etc.). É necessária uma certa ascese de vida e uma certa renúncia para encontrarmos alguns momentos reservados para Deus, momentos esses que precisam do tempo “*verdadeiro*”, do tempo para nós, onde nos obrigamos a não fazer mais nada senão estar atentos a Ele. Precisamos de saber decantar da nossa própria vida o que a atafalha e atravanca, o que nela provoca uma indigestão de actividades.

Estas fracções de tempo devem ser oferecidas a Deus, pela simples razão que o nosso tempo é precioso e que tem para nós muita importância. Dar dinheiro para obras de caridade é uma boa coisa, mas dar tempo a Deus pode custar mais e parecer mais difícil!

Quando chega a idade da reforma é possível que ainda estejamos muito ocupados (netos, novas actividades, viagens, etc.). Mantêm-se o problema da gestão do tempo.

Mas, um dia, chega a verdadeira velhice, aquela que não depende tanto da idade mas da degradação do estado de saúde. Então tudo muda e tudo se torna mais difícil. Já não podemos viver como dantes. A cada instante temos de saber lidar com o cansaço; não atafulhar os dias como antigamente. Saber alternar o que é fisicamente mais pesado com o que é mais leve, para evitarmos dizer “*Já não sirvo para nada!*” nem cairmos num desânimo inútil! Algumas actividades altruístas, demasiado pesadas fisicamente, devem ser aliviadas ou substituídas por outras, sem pensarmos que somos indispensáveis.

Este processo de degradação da saúde é irreversível e tende a agravar-se; os períodos de tempo vazios aumentam: de manhã, ao levantar, o dia que começa pode parecer muito comprido, pois os filhos podem estar longe e, à nossa volta, os amigos desaparecem, pouco a pouco, levados pela morte. Talvez o nosso cônjuge tenha, ele também, desaparecido, deixando-nos na solidão.

Mas é preciso continuar a lutar para evitar a degradação do vazio mental e afectivo. Todas as actividades intelectuais, culturais e relacionais nos são necessárias e devem ser inseridas na gestão do nosso tempo.

2 - Interceder pelo mundo

Nesta situação que se torna difícil, pode haver um chamamento de Deus, uma oportunidade para a vida espiritual. Deus diz-nos: “*agora podes dar-me tempo*”. Em vez de nos instalarmos na tristeza, temos de responder a este convite: é quase uma nova vocação, num estilo mais contemplativo que antigamente.

Talvez não possamos ir à missa muitas vezes durante a semana (a distância, o frio, as intempéries, o cansaço das subidas, etc.) mas há

muito mais formas de encontrar Deus: a leitura espiritual, a reflexão e a meditação sobre o que se leu e que os frades chamam “*Lectio Divina*”; e, claro, a oração pessoal. A oração de intercessão, em especial, pode ocupar uma grande parte do tempo que oferecemos a Deus: rezar por nós, por todos os que amamos, por todos os que se encontram em provação, pelos problemas do nosso tempo, pela Igreja e, finalmente, para que chova abundantemente a graça do Senhor sobre este mundo que tanto precisa dela!

Isto conduz a um aprofundamento das nossas relações com Deus, num caminho com múltiplas etapas onde se pode chegar até muito longe, mais longe do que onde provavelmente havemos de chegar.

Há aqui uma gestão do tempo diferente daquela que conhecemos quando éramos mais jovens. Devemos aceitá-la com a maior serenidade possível.

3 - Pôr a nossa confiança em Deus

Não devemos desanimar: Deus não é um Mestre duro e intransigente, surpreende-nos com os nossos “*imprevistos*” que nos fazem parecer uma bússola desorientada que perdeu o Norte mas, quando volta a calma, o ponteiro retoma a direção habitual. Temos de tentar ser como a bússola: quando as coisas acalmam um pouco e que a preocupação com a gestão do nosso tempo torna a ser quase possível, temos de recomeçar a viver orientados para o Essencial...

Um dia virá em que, no Reino dos Céus, continuaremos a procura de Deus, começada no decurso da nossa vida... com a visão plena. É preciso crer, com todas as nossas forças, num destino que vai ser o desabrochar da nossa existência na terra. Cristo veio até nós para nos mostrar que era para isso que éramos chamados. A gestão do nosso tempo, no decurso da nossa existência, deve fazer-se em função desta esperança.

D. AS ÚLTIMAS IDADES DO AMOR

1 - Envelhecer juntos

Descobrimo, ao longo dos anos, as leis do amor humano e dos seus valores espirituais, aprendemos, de facto, que esse amor, para continuar a crescer, deve saber evoluir para se adaptar às pessoas que o vivem e, por conseguinte, à sua idade. Amamo-nos como somos, com a idade que temos.

Se queremos amar-nos sempre, o nosso amor terá de saber, como nós, mudar de feições para viver até ao fim estas “*últimas idades do amor*”.

Questões

- a) Com todas as deficiências enumeradas acima, será que podemos ainda falar de amor, que continuamos a ser capazes de um verdadeiro amor? Se, numa idade avançada, temos ainda a felicidade de viver juntos, será que o amor que nos unia antigamente ainda está vivo? Será que Deus nos dá ainda a capacidade de nos entregarmos?

Lembremo-nos de alguns ensinamentos recebidos outrora do Padre Caffarel:

Amar, é conhecer e olhar o outro na sua verdade.

é escolher e preferir entre todos aquele que amamos.

é **tomá-lo a nosso cargo** e dele nos considerarmos responsáveis.

é, finalmente, darmos e **darmo-nos completamente**.

- b) Em que velho casal nos tornámos?

- Dois rabugentos que se enfrentam?
- Um marido apapricado por uma mulher subserviente, ou um cordeiro sem defesa contra uma mulher-dragão?
- Uma esposa demasiado passiva, teleguiada por um marido autoritário?

- Ou dois velhinhos amorosos fechados no seu casulo?

c) Será que ainda somos capazes de:

- Continuar a olhar-nos um ao outro com um olhar de amor, com um olhar que contempla e se maravilha? Achamos sempre que nos conhecemos depois de tantos anos mas, no entanto, mudámos.
- Tentar descobrir aquilo de que o outro precisa para ser feliz, compreender o que ele espera de nós (mais ternura ou mais discrição, menos tabaco ou menos televisão, mais fantasia ou mais sossego), todos estes maravilhosos pequenos sinais que mostram que ainda estamos apaixonados?
- Ter, ao contrário, a simplicidade de lhe dizer o que esperamos dele?
- Cultivar a transparência, a confiança, a permuta ou mesmo a partilha da vida com Deus...?

Tudo isto se trabalha ainda na terceira idade e mesmo na quarta, apesar das coisas se terem tornado então mais difíceis. O importante é ter continuado a viver um amor verdadeiro, para melhor nos prepararmos para o dia em que Deus nos convidará à separação.

2 - O amor depois da morte

O outro partiu, fiquei só. Dilaceração, amputação, fim de uma vida, fim de um amor?

Há o sofrimento, a saudade, as lembranças, as fotografias, os esforços para não ser um fardo para os outros, para parecer “*normal*”.

Mas pouco a pouco começa a doer menos, o sofrimento atenua-se e sentimo-nos culpados: “*acomodámo-nos*”. Recomeçamos a vida, os outros ficam felizes por nós: “*Conformou-se. Foi uma questão de tempo.*”

Fim de um amor? Será possível que já não exista o amor que nos unia?

Sabemos no entanto, nós crentes, que o amor é mais forte que a morte.

A nossa fé ensinou-nos que a morte é para nós uma Páscoa, a passagem à verdadeira vida onde o Senhor, depois de nos purificar, nos acolherá na sua intimidade para uma felicidade eterna.

Então, se o nosso amor é verdadeiro, o nosso maior desejo é a felicidade do outro. E temos a certeza de que ele partiu em direcção a essa felicidade, que Deus o acolhe, como ao bom ladrão: “*Hoje mesmo estarás comigo no paraíso*” (...).

Regozijarmo-nos pela sua felicidade não apaga a saudade da sua presença perto de nós. Mas sabemos que está vivo, que continua a amar-nos, e com um amor bem mais forte que o nosso, uma vez que vive no amor de Deus.

E podemos tentar **viver na sua presença**, tal como tentamos **viver na presença de Deus**. Claro que não somos capazes de imaginar a sua vida, esta presença é espiritual. É um amor despojado, mas que não está longe do amor de Deus.

Não é verdade que se pode dizer que a morte do(a) amado(a) não veio abolir o nosso amor, mas sim realizá-lo?

Palavra de Deus para a oração na reunião (Lc 2,36-40)

Havia também uma profetisa chamada Ana, de idade muito avançada, filha de Fanuel, da tribo de Aser. Após a virgindade, vivera sete anos com o marido; ficou viúva e chegou aos oitenta e quatro anos. Não deixava o Templo, servindo a Deus dia e noite com jejuns e orações. Como chegasse nessa mesma hora, agradecia a Deus e falava do menino a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém.

Terminando de fazer tudo conforme a Lei do Senhor, voltaram

Pistas de reflexão

- Em que domínios nos achamos ainda criativos?
- O que é que nos ajuda a reagir perante as dificuldades que nos traz a velhice?
- Será que ainda temos disponibilidade para ajudar os outros? Por exemplo: visita a doentes, em casa ou no hospital; cartas aos presos; apoio escolar ou baby-sitting...
- Empenhamo-nos em não nos deixar vencer pelo aborrecimento e em ajudar os nossos próximos a lutar contra ele?
- Para um cristão, a organização do seu tempo é uma obrigação; enquanto essa organização for possível na velhice, como fazer para arranjar mais tempo para dar a Deus?

Regra de vida

- Olhar o meu cônjuge com amor. Dar-lhe sinais concretos do meu amor por ele.
- Consagrar um período de tempo definido no meu dia para a oração de intercessão.

Textos de apoio

1 - Propósitos intempestivos

Fala-se do tempo ganho, fala-se do tempo perdido. Procura-se estar em dia mas sem o conseguir: o atraso é a jurisprudência constante dos nossos dias e dos nossos anos. O tempo é contraído, comprimido, compactado. É-nos frequentemente roubado, tesouro impossível de esconder ou de armazenar.

Na aguerrida luta quotidiana em que se transformou a relação com o tempo, como evitar uma contracção assustadora deste conceito? Não temos nem mais nem menos tempo que os nossos antepassados. Ou antes, dado o alargamento da esperança de vida, temos, em princípio, muito mais tempo diante de nós. Deveríamos estar felizes e orgulhosos disso. No entanto, passa-se exactamente o contrário. Os próprios reformados queixam-se de não ter mãos a medir, de não ver o tempo passar, de sentir que já não poderão realizar todos os seus projectos. Antes da reforma, a outra facção temporal dos que não têm mãos a medir tem exactamente a mesma impressão e, erradamente, aposta no futuro para ter, enfim, diante de si, tempo para “*consagrar*” àquilo que a faz sonhar.

É evidente, e não é preciso muito tempo para nos apercebermos disso: não há tempo, nunca. Quando o tivermos mais tarde, à noite, à luz da vela, vai ser tarde demais. O tempo, então, já não vai servir de nada, já não vai interessar ninguém. O tempo duradouro dos velhos é como as velhas acções amarelecidas guardadas no sótão; está fora do mercado.

Na sociedade ocidental e liberal, os movimentos contestatários, intelectuais e sociais dos últimos trinta anos não conseguiram quebrar a ditadura da agenda, do horário e do relógio. Não é, infelizmente, o poeta em nós que sonha “*viver sem tempos mortos*” mas o gestor, obcecado com a necessidade de produzir. A criação artística, a reflexão, a escrita, a meditação e a oração, são consideradas elementos suspeitos, e mesmo, perigosos parasitas vivendo às custas da sociedade.

Revista “Études” de Dezembro 1996.

2 - Deixai-vos nascer

Talvez vos sintais de facto envelhecer e eu, venho falar-vos de nascer. Hoje descobris que o tempo é um tesouro. Com tempo, podemos saber que os outros existem, podemos conceder-lhes um olhar, podemos dirigir-lhes a palavra e, sobretudo, podemos escutá-los. As outras gerações estão geralmente ocupadas a fechar-se sobre as suas feridas porque não há nunca ninguém que tenha tempo para as ouvir. Tomai esse tempo. É um nascimento. É um Natal. Deixai-vos nascer.

Jean Debruynne

3 - Uma nova terra

Pensava que a minha viagem estava a chegar ao fim, tendo atingido o limite extremo do meu poder; que o caminho à minha frente terminava; que os meus mantimentos estavam esgotados e que tinha chegado o tempo de me retirar numa silenciosa escuridão. Mas descobro que, quando as velhas palavras morrem na língua, brotam melodias do coração, e aí onde se perderam as velhas pistas, descobre-se uma nova terra com as suas maravilhas.

Rabindranath Tagore

4 - Oração do tempo

Senhor, rei dos anos e do tempo a passar
Rei dos séculos e de cada segundo
Dá-nos tempo para *rezar*
Pelo advento da paz neste mundo.

Senhor, rei dos anos e do tempo a passar
Rei dos minutos e de cada estação
Dá-nos tempo para *amar*
A cada irmão e a ti com paixão.

Senhor, rei dos anos e do tempo a passar
Rei dos meses e de cada dia
Dá-nos tempo para *trabalhar*

Para o teu reino pela tua alegria
Senhor, rei dos anos e do tempo a passar
Rei dos milénios e de cada momento
Dá-nos tempo para te *procurar*
Tu nosso Deus, tu que és nosso alento.

Senhor, rei dos anos e do tempo a passar
Mestre do passado e da eternidade
Faz com que possamos *encontrar*
A virtude máxima da serenidade

Oração de um anónimo

5 - Dentro de pouco tempo serei velha

Senhor, tu sabes melhor que eu,
estou a envelhecer de dia para dia:
dentro de pouco tempo serei velha...
Defende-me desta mania desastrosa
de achar que tenho alguma coisa a dizer
a propósito de tudo
e em todas as ocasiões.
Liberta-me do desejo
de tratar dos assuntos de toda a gente,
torna-me ponderada e não mal-humorada,
prestável e não autoritária.
Defende-me de me perder
na descrição de mil detalhes,
e dá-me asas
para ir directo ao essencial.
Fecha os meus lábios às minhas penas e meus males
apesar deles aumentarem constantemente,
e de ser cada vez mais doce,
ao longo dos anos, o enumerá-los.
Não me atrevo a pedir-te uma memória melhor,
mas se ela chocar com a memória dos outros,
ensina-me a maravilhosa lição
de que pode acontecer enganar-me.
Não pretendo ser santa:
a vida dos santos é por vezes tão difícil de viver !
Mas uma velha azeda

é uma obra-prima do diabo.
Ajuda-me a desfrutar da vida.
Há tantas coisas alegres e divertidas
aí mesmo onde não esperávamos:
torna-me capaz de as ver
e de reconhecer talentos
aí mesmo onde não se adivinhavam;
e dá-me a graça de o dizer...Ámen

Irmã Véronique-Sophie
Religiosa francesa do séc. XVII

I. Os outros e nós

De geração em geração

Terceira
Reunião

“A misericórdia do Senhor estende-se sobre os filhos dos seus filhos” (Salmos 102,17)

Somos pais, avós, bisavós... Os nossos filhos foram por nós trazidos ao mundo, ou talvez adoptados, ou ainda acolhidos após lutos ou separações. De todas as maneiras, qualquer que seja a sua idade, têm sempre o primeiro lugar - eles e os seus descendentes - na nossa ternura e nos nossos pensamentos diários.

A. NOSTALGIA DO PASSADO OU ESPERANÇA DE RENASCIMENTO

A geração que nos sucede parece-nos já tão diferente! É preciso ver que, num século, houve uma evolução vertiginosa: ideias, comportamentos, progresso industrial, avanços tecnológicos, etc.

A maior parte de nós e mesmo os nossos filhos receberam uma educação cristã, muitas vezes conformista e exigente, mas baseada no conhecimento de uma doutrina religiosa sólida. Impensável faltar à missa de Domingo, salvo motivo grave, ou esquivar-se às aulas de religião. Enquadrados por padres em número suficiente e por “senho-

ras catequistas” que não trabalhavam fora, beneficiámos de uma formação espiritual muitas vezes completada por círculos de estudo ou pela pertença a movimentos de apostolado ou de acção católica.

A partir de 1965, com o Concílio Vaticano II, os leigos, homens e mulheres, passaram a ser chamados a desempenhar na Igreja um papel mais responsável, levando por vezes a um certo laxismo na interpretação das directivas conciliares, sobretudo nos mais jovens ou nos que possuíam menos formação. Os desvios, acentuados nos nossos netos, enchem-nos de preocupação, a nós mais velhos. É certo que só Deus “*vê corações*” e temos de manter firme a esperança de que Ele intervirá quando achar conveniente. Entretanto, somos confrontados com atitudes que nos desorientam: desinteresse religioso, desconhecimento dos sacramentos, ida à missa dependente do tempo livre ou da disposição no momento. Não esqueçamos, apesar de tudo, os elementos positivos que no nosso tempo não existiam: preparação pelos jovens de cerimónias da Igreja, participação em encontros e peregrinações nacionais e internacionais.

Assim, como temos dificuldade em compreender os problemas de fé dos nossos netos, também nos choca dolorosamente a degradação dos costumes em todas as classes da sociedade. À luz de Deus, preparávamo-nos para um compromisso total no casamento ou na vida consagrada e olhávamos com uma piedade espantada os que toleravam o divórcio ou as uniões de facto. Quanto à sexualidade, era quase sempre deixada na sombra.

Será que temos argumentos sobre todos estes assuntos para explicar e defender os nossos pontos de vista?

B. PERMANECER ABERTO AO DIÁLOGO

Acontece-nos agora termos de acolher o “*namorado*” ou a “*namorada*” de um ou outro dos nossos netos que parecem ignorar tanto o casamento civil como o religioso (“*O que é que isso nos iria trazer a*

mais?”, dizem eles.). No entanto, mantêm-se agarrados à família tradicional de onde vêm. Mas o que terão eles de semelhante para oferecer mais tarde aos seus próprios filhos, se agora só constroem “*sobre a areia*”...?

Outro problema que toca estes jovens e que está ligado à instabilidade da sua vida e daquilo em que acreditam: a falta de trabalho. Reagem de diferentes formas: prosseguir estudos intermináveis (quando os pais ajudam), aceitar “*qualquer coisa*”, acomodar-se no desemprego, ao mesmo tempo que valorizam em primeiro lugar o sucesso material!

Mesmo se, por vezes, temos a impressão de viver noutro planeta, continuamos no entanto a ser testemunhas privilegiadas, conservando os nossos valores e a nossa experiência de vida. Sem provocar a discussão, aceitamo-la mesmo se nos incomoda e se não a esperávamos. Amparados pelo Espírito-Santo e pelo amor ilimitado que temos pelos nossos netos, é fácil deixarmos aberto, de par em par, o nosso coração e também a porta de nossa casa...

Talvez estas palavras sejam demasiado difíceis para muitos de nós porque vivemos numa casa de repouso, porque os nossos filhos e os nossos netos se afastaram. A tristeza, a impotência, por vezes a amargura têm tendência para nos invadir. Temos a sensação de ter falhado se os nossos filhos se separaram, divorciaram ou se rejeitam a fé que lhes quisemos tanto transmitir. Pouco importa não podermos intervir, sentirmo-nos desarmados. Não nos inquietemos demais. O essencial é o desejo do nossos corações. Só a infinidade do desejo é poderosa. Temos de ser portadores de esperança e de serenidade, pois a serenidade é uma porta aberta para a eternidade.

João Paulo II afirmou a uns avós: “*Vós sois um tesouro, uma bênção*”. Um tesouro talvez escondido, uma bênção talvez dada e recebida em segredo. No fundo do nosso coração dividido, vive Aquele que é a Paz e a Unidade. Na nossa depressão vive a Força, nas nossas trevas e nas nossas dúvidas está a Luz; uma das maravilhas de Deus é aquela que nos permite rebuscar nos Seus tesouros e dar aquilo que não temos.

C. DIZER A VIDA

Será que a nossa experiência nos dá o direito de apresentar um balanço pessoal?

Se o amor é uma dinâmica de vida cuja importância é universal, quais são os valores essenciais que temos de transmitir? E como havemos de falar deles?

Que referências podemos propor para a construção de uma vida pessoal?

1 - A laicidade de abstenção

A laicidade de abstenção apregoada hoje em dia é uma barreira redutora e traumatizante que impede toda e qualquer expressão e proposta de valores que iniciam à vida, conferindo-lhe um sentido. A orientação pessoal de uma vida, exige poder tomar conhecimento de todas as suas componentes para não cair fatalmente no absurdo.

2 - A escolha de uma laicidade de diálogo

A escolha de uma laicidade de diálogo respeitosa das riquezas culturais de cada um, adquiridas ou transmitidas, seria favorável a uma troca enriquecedora e serena.

- Será que podemos definir especificidades respectivas ao engenho feminino e ao engenho masculino?
- Serão eles complementares e acessórios ou convergentes?
- Viver para trabalhar ou trabalhar para viver, será que a nossa experiência de vida nos permite escolher uma destas duas alternativas?

3 - A nossa necessidade de absoluto

- A definição intrínseca do **amor** refere-se à **imortalidade da relação** relativamente à qual a **Santíssima Trindade é o exemplo absoluto na eternidade**; ela informa as nossas acções quotidianas para nelas inserir algumas **pepitas de amor**.
- A vida, fonte de sucessos e de fracassos, exige uma abertura aos outros, mesmo na velhice, e deve poder integrar o perdão. Mas será que o perdão permite esquecer?

Palavra de Deus para a oração na reunião: (Livro de Ben Sirac, o Sábio 44.1, 10-15)

“Louvemos os homens ilustres, nossos antepassados. Há homens cuja memória já não existe: porém foram homens de misericórdia, cujas obras de justiça não foram esquecidas. A sua glória durará o tempo da sua posteridade, os seus descendentes formam uma bela herança. Os seus descendentes mantiveram-se fiéis à Aliança, os seus filhos também graças a eles. A sua posteridade permanecerá para sempre e a sua glória jamais terá fim.

Os seus corpos foram sepultados em paz e o seu nome vive de geração em gerações. Os povos proclamarão a sua sabedoria e a assembleia cantará os seus louvores.”

Pistas de reflexão

- Será que devemos dar testemunho em silêncio ou que devemos falar?
- Devemo-nos impor ou propor?

- Somos barreiras, extintores ou um recurso atento?
- Temos a coragem de transmitir...o quê?
- Será que a definição do amor, que induz a dimensão trinitária absoluta de Deus, pode ser o pivot da nossa releitura da Boa Nova?

Regra de vida

- Reler o Evangelho do filho pródigo (Lc 15, 11-32) e inspirar-me na paciência de Deus nas minhas relações com os outros.

Textos de apoio

1 - Acolhimentos aos coabitantes

...Dizer não à promiscuidade, com palavras afectuosas mas claras e concisas, que saem do coração, é dizer à(ao) adolescente que se julga moderna(o) e que acha que tudo é permitido: *“Não estamos de acordo. Somos a tua família, não somos proxenetas. Respeitamos o corpo e o coração que te foram dados. Pertencem-te. Mas ver-te degradá-los em nossa casa, em nome de um amor irreflectido e irresponsável, isso não podemos.”*

Ouvi uma avó de setenta e sete anos, completamente a par da juventude de hoje em dia, dizer estas palavras maravilhosas: *“Dou-vos um quarto separado a cada um. Gostava que respeitassem a minha casa. Aquilo que vocês vivem é da vossa responsabilidade. Mas se for debaixo do meu tecto, sinto-me cúmplice. Vivamos na amizade, este fim-de-semana. É muito mais importante que um amor passageiro.”*

Se esta avó é adorada pelos seus netos e pelas namoradas que trazem (cada vez com menos frequência) é porque ela sabe, e tem coragem para dizer, que o amor é tão grande que o tecto de uma casa não o conseguirá nunca abarcar.

A não ser que esse tecto se chame... **fidelidade**.

Guy Gilbert

(A propósito dos limites da coabitação e do valor do casamento poder-se-á consultar a publicação das Equipas de Nossa Senhora: “Porquê casar hoje em dia”).

2 - De linha para agulha

“Sobretudo...uma tarde em que ela estava na cozinha a coser, pedia-me, a rir, para lhe enfiar a agulha porque já não via o suficiente e contava-me que a avó lhe pedia exactamente o mesmo quando ela era criança e que eu havia de fazer o mesmo, um dia com a minha neta. De linha para agulha, de avós para netas e de sorrisos para sorrisos, tinha-me dado a conhecer, nesse dia, o encadeamento das gerações (...) em determinadas circunstâncias difíceis da minha vida, a sua lembrança, a sua imagem, o seu exemplo, as suas roupas, os seus objectos ajudaram-me a viver. Muito depois da sua morte.”

Renée Sebag-Lanoë

3 - Avós tenham a coragem de transmitir!

Uma sociedade que infantiliza os jovens dizendo-lhes: “*Aproveitem a vossa juventude, instalem-se na adolescência*” é suicidária. Os avós deveriam dizer aos netos: “*Podes crescer*”. Mesmo sem sair do seu lugar, não devem hesitar em falar.

Muitas vezes os avós – e muito bem – acham que são os pais os responsáveis pela educação dos seus filhos.

É verdade, não devem interferir nem tomar o poder, mesmo se, cada vez mais, os verdadeiros pais de muitas crianças são os avós. De facto, os

pais nem sempre dão uma imagem de verdadeiros adultos que desempenham o seu papel.

Muitos jovens afirmam que, quando os pais se divorciam, têm a impressão de lidar com adolescentes. Adolescentes que, com 40 ou 50 anos, atravessam as mesmas dificuldades afectivas que outros com 15-18 anos!

Os adultos, de facto, tornam-se muitas vezes desacreditados e são os avós que aparecem então como verdadeiros adultos.

Mas, por vezes, os avós retraem-se, com medo de intervir e, no entanto, os netos esperam alguma coisa.

Tomemos como exemplo as refeições: hoje em dia, muitas crianças estão habituadas a comer sozinhas, com um tabuleiro, em frente da televisão. Durante as férias, ficam encantados por estar em casa dos avós com o ritual das refeições; há tempo para fazer as compras, para cozinhar...

Este ritual é uma situação que favorece a palavra. De facto, é extremamente difícil abordar certas questões em linha directa com adolescentes; é preciso uma situação que sirva de pretexto: vamos no carro com a avó ou com o avô fazer compras, estamos juntos na cozinha a descascar batatas ou estamos a passear a pé depois do almoço.

Quando nos encontramos num local protegido, que dá segurança, onde nos sentimos aceites, entregamo-nos, falamos, perguntamos.

Então, os avós não têm de hesitar: devem responder e tomar mesmo algumas iniciativas.

Uma avó dizia-me recentemente: *“Os meus netos não vão à catequese mas vêm ver-me durante as férias de Natal e de Todos-os-Santos. Então aproveitamos para reflectir em conjunto sobre o significado destas festas”*. Ela pega na Bíblia, no catecismo e passa uma hora ou duas, sem qualquer problema, a falar com eles sobre o assunto.

Os avós devem então ter a coragem?

Devem ter a coragem de transmitir! Da mesma maneira, dada a grande instabilidade da sociedade de hoje em dia, em que os bons costumes são cada vez mais atacados, quando os netos perguntam, com todo o bom senso, se é normal que dois homens – ou duas mulheres – vivam juntos, e que eduquem crianças, os avós não devem hesitar em responder que uma criança precisa de um pai e de uma mãe, etc...

Estes elementos de base já não são transmitidos hoje. Muitas crianças vivem na confusão, no seio de casais separados, ou divorciados, ou em famílias mono-parentais e pensam que é uma situação normal.

Quando descobrem a realidade, enfrentam um certo número de problemas: não aos 6 ou aos 10 anos, mas aos 17, 25 ou 30 anos, quando entra em acção a sua vida afectiva e sexual e toda a dimensão significativa da sua existência.

Descobrem então que não têm quaisquer recursos, que não aprenderam nada no contacto com os adultos e com a sociedade... Sentem um enorme vazio.

É relativamente a esta falta que os avós se podem situar para transmitir as grandes realidades estruturantes da existência que permitirão aos seus netos construir a sua vida com valores sólidos.

4 - O papel espiritual dos avós. Até onde?

Três obstáculos a contornar:

a) A falta de competência para desempenhar esse papel

O facto de pertencermos há muito tempo às equipas, o número de temas que já estudámos sobre os mais diversos assuntos religiosos, os retiros que fizemos cada ano, já nos deram uma larga formação intelectual.

A leitura ou a Palavra de Deus e a nossa assiduidade na oração diária dão-nos a força, com a graça de Deus, de revelar a esperança que há em nós e dela dar testemunho a quem quer que seja.

b) A falta de interesse da criança pelas coisas espirituais

Todo o ser é habitado por Deus – e como diz Santo Agostinho – a sua alma só repousará quando encontrar Deus. Cabe-nos fazer emergir na criança este desejo secreto que nela habita.

c) Impingir a religião

É de longe o obstáculo mais perigoso. Só Deus dá o Dom da Fé e temos a obrigação de respeitar a consciência dos outros.

Este papel espiritual dos avós é especialmente importante quando os pais estão separados, pois representa assim um elo de continuidade e de estabilidade do qual as crianças sentem a maior necessidade.

“Um pavio que ainda fumeja”

Em muitos casos, *os pais estão de acordo* ou, pelo menos, “*deixam andar*”, “*não dizem não*”. Mas, noutros casos em que os avós desejariam para os “*pequenos*” formação e prática religiosas, a atitude dos pais é de dúvida ou negativa, ou mesmo, francamente hostil. De facto, estas tomadas de posição podem ser muito diversas entre avós e pais, e mesmo entre os dois pais: “*Eu cá não diria que não mas o meu marido nem quer ouvir falar disso!*”.

Apesar de, nalguns casos, haver uma “*guerra aberta*”, muitas vezes, em compensação, os pais aceitam, com o pretexto de “*não contrariar os mais velhos*” mas, no fundo, não se importam que venha a haver baptismo e primeira comunhão. Não haverá aí um “*pavio que ainda fumeja*” por detrás do motivo declarado de “*querer agradar aos velhotes*”?

Este pavio, achamos que não é oportuno apagá-lo. E depois, a própria criança e, mais ainda, o adolescente têm uma palavra a dizer sobre o assunto. Maioridade legal e maioridade religiosa não têm de ser simultâneas.

Quando há uma *recusa categórica*, “*assanhada*”, - também acontece -, o papel dos avós não deixa de ser importante e cabe-lhes uma “*educação pelos valores*” que não devem menosprezar. É aqui que o testemunho é capital...e é aqui também que um conflito aberto no seio da família poderia ser não só maçador mas também prejudicial. (...) Mas não é uma razão suficiente para evitar qualquer confronto de opinião. A criança deve poder admitir que se manifestem diferentes pontos de vista nos adultos que a rodeiam. Seria conveniente, já agora, que eles o fizessem dentro do mútuo respeito! E o respeito pela pessoa da criança deve ser, repitamo-lo, prioritário.

Uns intercessores maravilhosos

(...) O que é certo é que **nunca podemos dizer que não há nada a fazer**. Não é um facto que, nestes casos-limite, a oração permanece o meio de acção mais importante?

E os avós podem ser, junto de Deus, uns intercessores maravilhosos!

Padre Henri Bissonnier

5 - Um tesouro e uma bênção

Irmãos e irmãs das gerações mais velhas, vós sois um tesouro para a Igreja, vós sois uma bênção para o mundo. Quantas vezes não tendes de aliviar os jovens pais! Que bem sabeis iniciar as crianças na história da família e da vossa pátria, nos contos populares do vosso povo, no mundo da fé. Nos seus problemas, os jovens encontram maior facilidade em recorrer a vós que aos seus próprios pais. Vós sois para os vossos filhos e filhas o apoio mais precioso nas suas horas difíceis. Pelo conselho e pela acção, trazeis a vossa colaboração aos grupos, às associações e às iniciativas da via eclesial e civil.

Vós sois o complemento necessário de um mundo que se entusiasma com o ímpeto dos jovens e com a força dos “*melhores anos*”, de um mundo onde só tem valor aquilo que se pode contar. Vós lembrais aos homens que continuam a construir sobre o cansaço daqueles que foram jovens e cheios de força antes deles e que, também eles, colocarão um dia as suas tarefas entre as mãos dos mais novos.

Em vós, vê-se claramente que o sentido da vida não pode consistir unicamente em ganhar e gastar dinheiro, que, dentro de cada acção exterior, deve amadurecer algo de interior e, dentro de cada realidade temporal, algo de eterno, segundo a palavra de São Paulo: “*Embora em nós o homem exterior vá caminhando para a sua ruína, o homem interior renova-se dia-a-dia.*” (2Co 4, 16)

João Paulo II

OBRIGADO AVÔ

Chamavam-lhe Clément. Clément Coulon era o meu avô materno. Tinha orgulho nele. Era alto. E usava um belo bigode do qual, com uma naturalidade estudada, alisava as pontas subtilmente levantadas.

Falava pouco. Para o miúdo que eu era, esses silêncios de ouro eram sinónimo de reflexão profunda. Mas nunca se esquivava a responder às minhas perguntas.

Sem que se desse por isso, um belo dia passaram a não dizer “*o Clément*” mas “*o pai Clément*”. Tinha ultrapassado uma etapa.

Para mim, continuava a ser o mesmo. Quando lhe perguntava como é que estava, respondia-me invariavelmente. “*Velho, filho, velho.*” E eu ria porque percebia que por detrás das palavras havia um pouco de tristeza e de resignação mas também havia outra coisa que não conseguia definir e que me interpelava. Toda a gente dizia que ele decaía e eu sentia-o ainda crescer.

Dava a impressão de se desinteressar do mundo: nunca, no entanto tinha estado tão atento às notícias e à escuta de uns e outros. O que parecia um retraimento não era mais que uma mudança de posição, um recuo para

conseguir ver melhor. Como os monges que não estão isolados do mundo mas sim “à distância”.

O meu avô ensinou-me que envelhecer era, contrariamente às aparências, continuar a progredir. Não é verdade que a velhice é o grande momento da verdade do homem? Viver em câmara lenta permite estar mais presente em cada instante. Não estar a transbordar de actividades, porque isso se torna impossível, permite interiorizar outras prioridades.

Velhice lembra talvez fraqueza, mas sobretudo riqueza. Obrigado, avô por me ter mostrado, até ao último dos seus dias, que era maravilhoso existir. De uma outra maneira. Obrigado a todos vocês que sabem viver a vossa idade e assim nos indicam uma direcção, um caminho.

Marcel Biard

I. Os outros e nós

Evolução da vida de equipa

Quarta
Reunião

“Quando dois ou três de entre vós estiverem reunidos em Meu nome, Eu estarei no meio deles.” (Mt 18,20)

Como está estipulado na Carta, as Equipas de Nossa Senhora são constituídas por voluntários mas os que querem continuar a fazer parte delas devem “jogar jogo franco”. No entanto, as necessidades e os centros de interesse variam com a idade. Os estados de vida evoluem, as preocupações mudam. Mesmo conservando a fidelidade ao espírito das Equipas, é preciso saber adaptar-se às circunstâncias e pôr a tónica nos pontos convenientes. A oração, a intercessão e mesmo o ouvir os outros tornam-se pontos concretos de esforço incontornáveis.

É por isto que se torna indispensável para as equipas antigas avaliar as suas necessidades, as suas prioridades, objectivar o que pode ser feito, sem resignação nem fatalismo, estabelecer o ritmo, a frequência e a duração das suas reuniões, manter a lucidez sobre as

capacidades dos seus membros. A equipa aparece assim como lugar ideal para acolher, ouvir, discernir a escolha pessoal da escolha do casal, respeitando sempre a vida própria de cada um.

Apesar da idade avançada reduzir consideravelmente as “*actividades*”, ela não as paralisa. **É a altura de uma reiniciação à oração:** pode ser também a altura de ajudar os outros a descobri-la, animando grupos de oração.

Muitas vezes, é entrar, de certo modo, numa vida de “*eremita*”, aprender a viver a própria solidão: muitos vivem sós durante todo o dia. **É dar testemunho da esperança que vive em nós, da comunhão dos santos que nos ampara.** É ajudar também as pessoas que se encontram isoladas, uma vez que nós próprios já temos essa experiência.

As equipas mais velhas têm efectivamente um papel importante a desempenhar dentro do Movimento. As suas energias espirituais, a sua experiência e o seu testemunho têm um valor inestimável para as gerações seguintes.

A - TESTEMUNHO DE EQUIPAS ANTIGAS

Tal como já vimos num tema anterior, o cérebro humano não se degrada durante a velhice de forma tão grave como se supunha, mas é certo que as forças físicas diminuem muito.

- *“Assim, em todas as equipas cuja idade avança, começa-se a achar que os jantares seguidos de reunião se tornam cansativos. Mesmo se conseguimos acabar à hora prevista, todos achamos que nos deitamos muito tarde. Então, quando todos já estão reformados, a equipa resolve substituir o jantar seguido de reunião por um almoço. Isto mantém-se durante alguns anos mas, na nossa equipa, acabámos por admitir que o almoço é uma complicação para as viúvas e para as senhoras com mais de 80 anos e optámos por um lanche simples para terminar a*

reunião. Alguns têm pena e continuam a ter almoço nas suas casas.”

- “Nas equipas de idade avançada há, infelizmente, alguns que já partiram, mas os viúvos ou viúvas mantêm-se muito ligados à equipa e ainda bem que assim é. Claro que então já não se fala de oração conjugal ou de dever de se sentar. Os casais que permanecem fazem o que querem: alguns acham que, chegada a reforma e com os filhos longe de casa, têm tempo de sobra para conversar sem precisar de efectuar esses Pontos concretos de esforço. É verdade, mas com uma condição: pode haver momentos de dolorosos desentendimentos ou então períodos em que uma revisão de vida é necessária e nesses casos é essencial um verdadeiro Dever de se sentar.”
- “É sempre bastante difícil encontrar um estilo de oração em equipa que satisfaça toda a gente: a oração em equipa não tem a perfeição da oração litúrgica nem provavelmente a profundidade da oração pessoal. Na nossa equipa andámos durante muito tempo a experimentar e a procurar. Finalmente fixámo-nos no Ofício da tarde de “Oração do tempo presente” e incluímos aí o texto do Livro das Horas que nos oferece um texto muitas vezes longo mas interessante. Já não pomos a hipótese de procurar outra coisa.”
- “Em relação à oração e à leitura da Palavra de Deus, cada um de nós tem as suas ideias e os seus métodos; nada é mais único e pessoal que uma vida espiritual. É importante reparar que o que era antigamente uma “obrigação” e agora um “ponto concreto de esforço” mudou de estatuto e tornou-se para nós **uma necessidade**.”
- “As equipas ensinaram-nos a comunicar entre cônjuges e a nos entreatudarmos no plano religioso e espiritual, sobretudo, através da oração conjugal.”

- *“A nossa equipa manteve-se fiel ao tema de estudo e ao trabalho escrito para preparar a reunião. Parecia-nos ser importante. Este ano o nosso tema não se presta muito a uma resposta escrita, é pena, mas talvez haja uma maior liberdade de intercâmbio.”*
- *“Hoje em dia, já não conseguimos participar todos num retiro. Porque será que se tornou tão difícil encontrar datas que convenham a todos? Alguns já estão um pouco fartos dos retiros, mas outros continuam a ir regularmente.”*
- *“Antigamente, na nossa equipa, entre as reuniões mensais, tínhamos reuniões informais que chamávamos “reuniões de peúgas”, isto porque, há já muito tempo, as senhoras, enquanto conversavam animadamente, aproveitavam para passajar as peúgas da família.*

Depois, tivemos também as “bi-focais”, almoços em que nos reuníamos só dois casais, o que nos permitia falar de muitos assuntos pessoais que não tínhamos tempo de focar na reunião mensal. Tudo isto acabou no esquecimento. Porquê? Só porque estamos velhos? É uma desculpa pouco convincente... Actualmente falamo-nos muitas vezes pelo telefone e durante muito tempo, para compensar.”

- *“Durante a reunião de balanço, prevemos sempre uma carta que vai circular duas vezes durante o verão. Cada um tem de enviar a sua contribuição pessoal ao casal responsável. Na segunda destas cartas, há sempre um envio do nosso conselheiro espiritual que chamamos a sua encíclica e que é sempre muito boa.”*
- *“Que mais para dizer? A participação nos encontros do movimento tornou-se mais difícil para nós : há as distâncias, as saúdes precárias. São os valentes, sempre os mesmos, que continuam a ir.”*

- *“Antigamente, quando éramos mais novos, as doenças de uns e outros não se repercutiam nas reuniões. Agora, somos bastante menos e tornámo-nos mais frágeis. No Inverno, na época da bronquites e das gripes, acontece haver um tal absentismo que o responsável da equipa telefona ao conselheiro espiritual a perguntar se vale a pena estar a deslocar-se para tão poucos participantes na reunião. E mesmo assim ele vai...”*
- *“De certeza que a equipa vai acabar quando ficarmos quatro ou cinco bronquíticos.”*
- *“Apesar de todos estes desvios aos “Pontos Concretos de Esforço” (PCE), apesar de uma vida de equipa nem sempre em total concordância com o espírito do Movimento, fazemos o que podemos...Não podemos pedir demais às equipas muito antigas, apesar de tudo, elas permanecem sempre ligadas ao Movimento e estão-lhe muito reconhecidas por todos os benefícios no domínio espiritual e conjugal que ele lhes trouxe ao longo da vida de equipa.”*

B. OBJECÇÕES AOS PONTOS CONCRETOS DE ESFORÇO

Quais são estes Pontos Concretos de Esforço que tentamos praticar há já muito tempo e para os quais solicitamos regularmente o controlo e a entreaduda da nossa equipa?

Há seis:

- 1 - Escutar regularmente a **Palavra de Deus**.
- 2 - Arranjar tempo todos os dias para um verdadeiro encontro com o Senhor - **Oração pessoal**.
- 3 - Juntarem-se, cada dia, marido e mulher para uma **Oração conjugal**.

- 4 - Arranjar tempo, todos os meses, para um verdadeiro diálogo conjugal sob o olhar do Senhor - **Dever de se Sentar**.
- 5 - Fixar uma **Regra de Vida** e revê-la todos os meses.
- 6 - Colocar-se, todos os anos, frente ao Senhor para fazer um balanço, durante um **Retiro** de, pelo menos, 48 horas, vivido, se possível, em casal e não forçosamente em equipa.

Os testemunhos das equipas antigas dizem-nos que elas desejam continuar a pertencer ao Movimento e, mesmo se alguns Pontos Concretos de Esforço, que lhes causavam problemas, foram abandonados, continuam a dar importância à oração e ao estudo de um tema que possa ajudá-las a escutar a Palavra de Deus. A intercessão, o pôr em comum das alegrias e das tristezas, o acolhimento, que são hábitos recomendados pelo Movimento, parecem-lhes também conservar a sua importância.

Mas o Dever de se Sentar, se se perdeu o cônjuge ou se se passa todo o tempo com ele, parece perder o seu interesse. O retiro parece impossível... a oração conjugal perdeu o seu sabor.

Que resposta dar a estas objecções?

Primeiro lembremo-nos que os P.C.E. não foram propostos para nos desencorajar ou nos culpabilizar. Foram criados para a Vida e devem permanecer assim, quaisquer que sejam a idade do casal (ou daquele que ficou só) e a sua evolução espiritual. A mensagem de Cristo está sempre de acordo com o fundo secreto do coração humano.

Mas sabemos, também, que eles não foram escolhidos arbitrariamente, nem acrescentados uns aos outros, sem razão. Eles têm uma coerência interna. Comprometemo-nos num caminho de santidade dentro e pelo nosso sacramento do matrimónio e, ao escolher o Movimento, aceitámos livremente os meios que, na altura, nos pareciam mais adequados para nos ajudar nesse caminho. Não é agora que os anos passaram que nos vamos tornar fariseus dos P.C.E., agarrados a eles de uma forma legalista e fechada ou que os vamos considerar ultrapassados.

Não compete ao Movimento impor-nos exigências ou conceder-nos flexibilizações, é a nós que compete, dentro das nossas capacidades do momento, sentirmo-nos responsáveis pela chegada do Reino em nós e à nossa volta. Os Pontos Concretos de Esforço continuam a ser instrumentos, asas que nos elevam espiritualmente. A dificuldade gera muitas vezes o dinamismo.

Trata-se, portanto, de encontrar a medida que convém ao nosso caso particular, evitando ser minimalista e também maximalista. Antes de decidir o que deve ser conservado ou abandonado, devemos recolher: encarar a nossa situação real, avaliar as nossas possibilidades e, sobretudo, o nosso amor para com Deus.

Aquilo que decidirmos fazer, temos de o querer com vontade e de o pôr em prática, com confiança e com a ajuda do nosso cônjuge, se ainda está connosco, e sempre de Deus.

Somos pois chamados a um discernimento espiritual segundo a nossa consciência.

Com certeza que o ideal era que os Pontos Concretos de Esforço fossem salvaguardados o maior tempo possível, mas parece-nos que há dois que podem, não só ser continuados mas até melhorados: **a Oração e a Regra de Vida**, uma vez que temos mais tempo. A oração nas suas diferentes formas : Intercessão, “lectio divina”, oração conjugal. A escuta da Palavra pode recorrer a ajuda de cassetes ou à rádio. Podemos rezar o terço nos momentos em que estamos mais cansados.

Talvez seja possível encontrar casas de retiro mais acessíveis para pessoas idosas e frágeis... locais mais próximos de casa para que se possa voltar mais facilmente em caso de necessidade.

Quanto à Regra de Vida, na idade em que somos tentados pela demissão, conservar algumas referências de vida simples que consagramos a Deus pode ser uma fonte de graças. Cada um terá de encontrar o seu pequeno esforço: andar todos os dias, fazer um sorriso à

enfermeira...etc. A vida espiritual será sempre um combate árduo e difícil que nunca estará definitivamente ganho.

Os Pontos Concretos de Esforço são meios experimentados e seguros para nos fazer progredir. Negligenciar sistematicamente um ou outro, por causa da idade, arrisca-nos a sermos levados insensivelmente para a mediocridade e pode ser uma fonte de desestabilização para equipas jovens e unidas no desenvolvimento do Movimento e a tudo que dele irradia.

C. A VIUVEZ: PONTO DE VISTA DA EQUIPA

Depois de um longo caminho em conjunto, as equipas vêm-se muitas vezes com 1, 2, 3 viúvos ou viúvas...

Criam-se assim alguns problemas na vida da própria equipa:

- 1 - Que fazer com alguns P.C.E. que implicam um diálogo entre marido e mulher (Dever de se Sentar) ou uma actividade comum (Oração conjugal)? Nada é imposto, há que encontrar para cada um, com a ajuda da equipa, aquilo que mais lhe convirá em conformidade com o espírito das Equipas de Nossa Senhora.
- 2 - O problema da reunião de equipa: alguns viúvos ou viúvas podem ter dificuldades em receber em sua casa ou em voltar sozinhos de noite...Solução a encontrar, a melhor para eles e para a equipa.
- 3 - Os problemas particulares que encontram estes viúvos e viúvas (solidão, falta de convívio no dia-a-dia, problemas financeiros e materiais...) pedem uma grande caridade fraterna da equipa: entreaduda, acolhimento, se for oportuno, nos domingos e feriados durante os quais um ou outro se pode sentir só; ajuda a preencher uma declaração de rendimentos ou a fazer uma mudança. Mas claro que tudo isto depende da situação familiar.

A equipa pode ter um papel a desempenhar, especialmente no pôr-em-comum, sem esquecer, no entanto, os problemas e as alegrias dos outros membros.

Palavra de Deus para a oração na reunião (S.Paulo, 1Ts 4,9-12)

“Não precisamos de vos escrever sobre o amor fraterno; pois aprendestes pessoalmente de Deus a amar-vos mutuamente; e é o que fazeis muito bem para com todos os irmãos em toda a Macedónia.

Nós porém, vos exortamos, irmãos, a progredir cada vez mais.

Enpenhai a vossa honra em levar vida tranquila, ocupar-vos dos vossos afazeres, e trabalhar com vossas mãos, conforme as nossas directrizes.

Assim levareis vida honrada aos olhos dos de fora e não tereis necessidade de ninguém.”

Pistas de reflexão

- Que podemos sugerir aos nossos Responsáveis de Sector para que a nossa equipa continue a poder receber do Movimento? Jornadas de sector em que uma parte do dia seja especialmente mais acessível para nós? “Noite” de oração que pudesse começar mais cedo para nós e se prolongasse até mais tarde para aqueles que trabalham? Apadrinhamento espiritual de equipas novas por equipas antigas? Entrada de um casal mais velho na Equipa de Sector?...
- Como praticar a entreaajuda em equipa nesta tarefa essencial que nos falta cumprir: envelhecer bem, morrer bem? Quais são os Pontos Concretos de Esforço que nos ajudam neste sentido?
- Como continuar a praticar a entreaajuda em casal, em equipa, na área religiosa onde as etapas decisivas não se percorrem ao

mesmo ritmo? Papel privilegiado do conselheiro espiritual nesta área.

Regra de vida

- Reactualizar os P.C.E. Em qual deles, que até agora tinha negligenciado, devo concentrar o meu esforço este mês?
- Interessar-me com a vida do Movimento, participando numa das suas actividades (missa mensal, jornada de sector, reuniões mistas, etc...)

Textos de apoio

1 - Dez propostas práticas do Cardeal Danneels para ajudar os cristãos a viver melhores relações, em equipa, e não só.

- Aceitar-me a mim próprio com alegria, tal como sou.
- Olhar mais ao que recebi, para disso dar graças, do que ao que me falta, para disso me queixar.
- Aceitar o outro tal como é, começando pelo mais próximo: o meu marido ou a minha mulher, os meus filhos, irmãos, irmãs, os meus vizinhos, a minha família.
- Dizer bem do outro e dizê-lo em voz alta.
- Nunca me comparar a outra pessoa, pois a comparação pode levar-me ao orgulho ou então ao desânimo.

- Viver na verdade: chamar bem ao bem e mal ao mal.
- Resolver os conflitos não pela força, mas pelo diálogo; não encher a cabeça com um monólogo interior, nem queixar-me ou dizer mal do outro na sua ausência. Entrar logo que possível num verdadeiro diálogo com ele.
- No diálogo, começar pelo que une e só depois passar ao que opõe.
- Tomar a iniciativa do diálogo e tentar a reconciliação no próprio dia: “*Não se ponha o sol sobre a vossa ira*”, escrevia S. Paulo (Ef.,4,26)
- Acreditar firmemente que “*perdoar*” vale mais que “*ter razão*”.

2 - A viuvez e a Equipa. Testemunhos

- *«Tive sempre um pensamento muito enraizado em mim acerca da riqueza da diversidade e de que, na Igreja, não se deve separar sistematicamente os jovens dos outros, os solteiros dos casados, etc...e vi acontecerem partilhas de uma rara verdade no seio de grupos de todas as idades e de todas as condições. Talvez seja a razão pela qual eu não tinha qualquer espécie de vontade de me juntar ao Movimento “Esperança e Vida” ou outros, apesar de admirar o enorme apoio que traziam a tantas mulheres.*

Na minha equipa, onde cada membro tinha entre 45 e 50 anos, fui a primeira a perder o cônjuge. A escolha de ficar na equipa foi objecto de uma reflexão comum e de uma partilha: todos me convidavam a ficar, mas tinham de tomar consciência de que podiam viver livremente a sua vida de equipa na minha presença; eu própria tinha de perceber se, agora que

estava sozinha, este local podia continuar a fazer-me viver o ideal proposto às Equipas de Nossa Senhora na liberdade, na verdade, na paz, sem me sentir desfasada. Este ponto de clarificação foi indispensável»

- *«Ao longo dos anos, não houve qualquer arrependimento relativo a esta decisão, não houve qualquer retrocesso: vejo bem que o dinamismo das Equipas de Nossa Senhora pode ser oferecido a todos como um ideal comum, qualquer que seja a nossa situação de homens, mulheres, de casais, viúvos ou viúvas. E, neste sentido, na vida da equipa, é a uma mesma vida de oração, de amor e de aprofundamento espiritual que o Pai nos convida; ele ilumina-nos e ensina-nos com a sua Palavra. Este percurso na oração, esta busca da nossa fé, estes retiros anuais em equipa, tudo isto fazemo-lo juntos sem dificuldade.»*
- *«O que corre o risco de ser mais delicado são as questões da partilha que têm a ver mais directamente com o casal: o “dever de se sentar” e a oração conjugal. O facto de estar sozinho já fez com que alguns se fossem abaixo ou se afastassem. Pela minha parte, procurei sempre viver a fundo estas propostas, tomando por exemplo a iniciativa de uma partilha com um dos meus filhos ou um(a) amigo(a) ou de um diálogo aprofundado com um padre. Assim, no momento da reunião, a minha partilha podia ser sincera, preparada à minha maneira e enriquecida com o contributo de todos.»*
- *«Raramente senti o peso da tristeza ou da solidão na reunião de equipa, recebi ao contrário, a alegria do amor vivido muito simplesmente pelos meus amigos e um bónus de equilíbrio para a minha vida familiar.»*

O mais verdadeiro

- *«Não resisto ao desejo de contar o que é talvez mais importante. O ser que desapareceu da nossa vista, um irmão para todos os da equipa, convida-nos a entrar cada vez mais no mistério da morte e da ressurreição. E se, num primeiro tempo, ficamos espantados, assustados, como Moisés examinando aquela “coisa estranha” que era a sarça, somos convidados todos juntos a fazer este “desvio” provocado pela morte.*

Pela parte que me toca, dei muitas vezes contas em equipa da resposta de Cristo a Maria Madalena, que quer prender aquele que julgava ter perdido: “Não me toques, vai antes ter com os teus irmãos”. Na minha simplicidade e na minha paz, espero ter feito por vezes entrever aos meus amigos da equipa aquilo que eu presinto da Presença na ausência.»

II. Deus e nós

A paz interior

Quinta
Reunião

“A paz esteja convosco” (Lc 24, 36)

Esta saudação com a qual Jesus aborda os seus discípulos exprime bem a importância, para qualquer homem, desta paz que Cristo nos quis dar.

A paz bíblica é, com certeza, a felicidade mas é, sobretudo, a Vida em plenitude, Vida essa que só se encontra junto de Deus, na sua amizade.

Quando nos sentimos em paz, é sinal de que o Espírito Santo está presente.

A paz é uma necessidade do ser humano; jovem, ela permite-lhe construir o futuro; idoso, permite-lhe viver na confiança e na entrega.

Viver serenamente

Como diz Dublineau, o homem idoso *“pode ter acesso a esta grande virtude que é a sabedoria, virtude essa que pressupõe, naquele que a possui, uma certa “**espiritualização**” e que consiste essencialmente numa atitude serena perante a vida e as coisas.”*

Como cristãos diríamos: é o facto de nos sabermos amados e perdoados por Deus que nos dá esta serenidade, esta confiança no futuro.

Enfim, deixemo-nos reconciliar com o passado. Passado feito de alegrias e de tristezas, de sucessos e de fracassos, de iniciativas e de recusas, de acções falhadas... Coloquemos todas as nossas teias de vida no coração de Deus e ele transformá-las-á positivamente. Não é na Bíblia que podemos ler: *“Tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus”?*

Para simbolizar o percurso que nos resta a fazer antes de chegar à outra margem, pensemos no remador que tem no fundo do barco uma vela muito bem dobrada; se já não temos força suficiente para *“remar”*, desdobremos tranquilamente a nossa vela e tenhamos confiança no Espírito Santo. A sua *“leve brisa”* será suficiente para nos levar a esta nova terra, onde a nossa verdadeira juventude reflorescerá eternamente em Deus.

Estar em paz com nós próprios

Alguns julgam que já não têm utilidade ao envelhecer, pensam que a sua vida já não serve para nada. A inactividade forçada desespera-os, a depressão instala-se.

Devemos assumir a nossa idade em cada período da nossa vida. A idade avançada tem as suas riquezas, a experiência de toda uma vida é insubstituível. Há sempre alguém que precisa de nós, um filho, um neto (*“Avó, reze por mim, para que o meu exame corra bem”*), um vizinho, um conhecido...

Devemos evitar qualquer atitude de encerramento sobre nós próprios, sobretudo, não nos podemos esquecer que, para Deus, somos importantes; Deus não vê as nossas rugas nem os erros no nosso comportamento. Cada pessoa conta para Ele, o seu amor nunca nos falta. *“Tu tens valor aos Meus olhos.”*

Estar em paz com nós próprios é também esquecer todos os rancores da existência, não remoer sem cessar os fracassos, os gestos desajeitados, os erros. Tentemos pensar no que recebemos de belo, de bom, não para alimentar saudades mas para nos alegrarmos da felicidade que nos foi dada.

Estar em paz com nós próprios é, finalmente, entregarmos nas mãos de Deus na oração que é, por excelência, o lugar de pacificação, de serenidade. É agradecer-Lhe por nos ter dado a Fé que nos permite viver na Esperança da Ressurreição, na Esperança do reencontro com os entes queridos que nos deixaram.

Estar em paz com os outros

Como é que podemos estar reconciliados com nós próprios se não perdoamos aos outros? Tentemos, em primeiro lugar, ser indulgentes com aqueles que nos rodeiam: o cônjuge, que também envelhece, cujo feitio se torna mais difícil ou que já não consegue assegurar o seu papel no casal; os filhos, por vezes exigentes ou pouco presentes; os jovens, muitas vezes desconcertantes, ignorando valores que para nós são importantes. Todos eles precisam de sentir o nosso afecto e que nos interessamos pelos seus problemas.

Cultivemos a paciência e sejamos fonte de harmonia, de serenidade, de ternura. Não nos fixemos no passado. Quantas pessoas de idade estragam a vida por causa de velhas quezílias familiares, de interesses, de antigas ofensas! Se estivermos atascados nestes problemas, voltemo-nos para o Senhor: *“Ajuda-me na minha fraqueza.”*

Por vezes, magoaram-nos de tal forma que é difícil perdoar: ainda existem reflexos de vingança... O nosso desejo de perdoar embate muitas vezes num sofrimento sempre presente. Ficamos então muito vulneráveis... Não nos culpabilizemos; aquele que foi duramente magoado tem o direito de gritar o seu sofrimento para Deus. Não nos deixemos fechar no nosso desespero, abramos o nosso coração a Deus, só Ele pode apaziguá-lo e purificá-lo.

Cristo perdoou aos seus carrascos, Ele ajuda-nos a curar as nossas feridas. Perdoar não é esquecer, é cooperar com a obra de Jesus que é obra de vida, de salvação. Perdoar é amar como Deus nos ama.

Estar em paz com Deus

Toda a Bíblia põe em relevo a generosidade e o perdão de Deus. Cristo veio para salvar os pecadores.

Alguns vivem ainda na angústia dos seus erros passados, não confessados na sua juventude. Que não duvidem nunca do amor infinito de Deus e da infinidade do perdão de Deus!

Outros foram educados no temor de um Deus autoritário, justiceiro. Opõe-se muitas vezes o Deus do Antigo Testamento, àquele que nos revela Jesus Cristo pelo seu Evangelho. Na verdade, no Antigo Testamento, cada vez que o seu povo o traía, Deus que estava pronto a castigar, deixava-se tocar pelo mínimo arrependimento, a sua Misericórdia triunfava sobre a sua ira e perdoava a Israel.

Não esqueçamos que Deus é Pai, que é o Deus dos vivos. O seu desejo é ver o homem de pé. Voltemo-nos para Ele numa atitude de confiança, confiemos-lhe a nossa fraqueza, a nossa pequenez, mas também a nossa Esperança, o nosso desejo de paz, a nossa sede de amor:

Ajuda-me Senhor a sair do meu pecado, Tu que és a vida, salva-me da morte, leva-me de novo ao caminho da Paz, aquele que conduz a Ti na serenidade do Amor reencontrado.

Palavra de Deus para a oração na reunião (Jo 14, 27 -31)

“Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo dá. Não se perturbe nem se intimide o vosso coração. Vós ouvistes o que vos disse: Vou e retorno a vós. Se me amásseis, ficáreis alegres por eu ir para o Pai, porque o Pai é maior do que eu. Eu vo-lo disse agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais. Já não conversarei muito, pois o príncipe do mundo vem; contra mim ele nada pode, mas o mundo saberá que amo o Pai e faço como o Pai me ordenou. Levantai-vos, partamos daqui!”

Pistas de reflexão

- Lembremo-nos das coisas belas que vivemos na nossa vida. Actualmente ainda podemos ter momentos de felicidade. Como? Por quem? Com quem?
- Muitas vezes, fechamo-nos sobre nós próprios. Pensemos naquilo que podemos dar aos outros, sobretudo àqueles que nos rodeiam. Que riquezas próprias da idade podemos partilhar?
- Os outros magoaram-nos por vezes na nossa vida íntima, profissional, relacional. O perdão é o cume da caridade. Como ultrapassar os nossos rancores e mesmo os nossos sofrimentos?
- A reconciliação é um dom do Ressuscitado. As nossas recusas conduziram-no à morte, mas o seu amor foi mais forte que as nossas recusas. Em que é que este sacramento é uma ressurreição para cada um de nós? Vivemo-lo mesmo na alegria?

Regra de vida

- Receber este mês o sacramento da Reconciliação para melhor viver a serenidade interior, sentir-me amado por Deus e amar os outros como Deus os ama.

Textos de apoio

1 - O segredo da paz interior

Aquele que caminha conduzido pelo Espírito não permanece sempre no mesmo estado e não progride sempre com a mesma facilidade. O caminhar do homem não lhe pertence, depende da iniciativa do Espírito, seu mestre, que o faz esquecer o que está para trás e andar para diante, ora com lentidão, ora com entusiasmo. Penso que, se prestardes atenção, a vossa experiência interior confirmará aquilo que acabo de dizer.

Se te sentes entorpecido, desgostado ou desencantado, não percas só por isso a confiança e não abandones o teu projecto de vida espiritual. Procura antes a mão daquele que é o teu socorro. Implora-lhe que te arraste com Ele, até que, atraído pela graça, reencontre a rapidez e a alegria do teu caminho. Então poderás dizer. *“Eu corro no caminho dos teus mandamentos, pois tu alargas o meu coração”* (Sl 119,32). Enquanto a graça estiver contigo, alegra-te; mas este dom de Deus, não julgues que o possuis por direito hereditário, como se tivesses a certeza de nunca o poder perder. Senão, por pouco que Deus afaste a sua mão e retire o seu dom, perderás a coragem e cairás numa tristeza exagerada. Quando estás realizado, não digas: *“Nada me abalará”*, para que não tenhas de dizer gemendo, como no salmo: *“Escondeste a tua face e eu fiquei perturbado”* (Sl 30,8). Terás antes o cuidado, se fores sábio, de seguir o conselho da Sabedoria: *“No dia da desgraça não esquecerás a felicidade, e na felicidade não esquecerás os momentos de infortúnio”* (Ecl. 11,25).

Assim, no dia em que te sentires forte, não te instales na segurança, mas grita para Deus com o profeta: “*Não me abandones quando o meu vigor se extingue*” (S 71,9). No momento da provação, torna a dizer para tomar coragem: “*Arrasta-me contigo, corramos!*” (Ct 1,4). Assim a esperança não te faltará no tempo da infelicidade, nem a providência no tempo da felicidade. No meio dos sucessos e dos fracassos destes tempos instáveis, guardarás, como imagem da eternidade, uma sólida igualdade de alma. Bendirás o Senhor em todos os tempos, e assim, no coração do mundo vacilante, tu encontrarás a paz, uma paz, por assim dizer, inabalável; começarás a renovar-te e a reformar-te à imagem e semelhança de um Deus cuja serenidade permanece eternamente.

São Bernardo
“*Sermão 21 sobre o cântico*”

2 - Uma outra felicidade

Deus quer, sem sombra de dúvida, que cada ser humano, no decurso da sua evolução, tenha a experiência do amor. Pois, importa-lhe que o homem tenha gosto pela felicidade; e não só que tenha gosto por ela, mas que, por a ter experimentado, ele a ache possível. E por conseguinte, que a deseje, que a procure. Deus quer-o, não só porque esta fé na felicidade contribui muitíssimo para a saúde do corpo e da alma - perdê-la, é já quase morrer - mas sobretudo porque ela orienta o homem em direcção a Ele.

Numa palavra, a vida de Deus é felicidade, por conseguinte a vida eterna que propõe ao homem é felicidade, por conseguinte a vida cristã na terra é já precursora desta felicidade. Mas como é que se envolveria nesta religião aquele que não tem o gosto da felicidade? É privilégio do amor conjugal fazer brotar esta aspiração - que, em

muitos seres, não é mais, antes de encontrar o amor, que uma brasa escondida sob as cinzas - e, através dela, de nos pôr a caminho em direção à felicidade de Deus.

Mas que frágil é esta experiência de felicidade! Efêmera para muitos. São raros os lares que dão razão à definição do casamento proposta pelo arcebispo ortodoxo Inocente Borissov: “*O que sobra na terra do paraíso*”. Apesar de tudo, mesmo durando pouco, esta experiência é fundamental. Frágil e efêmera não são sinónimos de enganadora.

Muitas razões explicam a sua precaridade. Uns confundem a felicidade com o prazer e, procurando o prazer, perdem a felicidade da qual um dia, no entanto, fizeram a descoberta. Alguns tentam agarrar a felicidade com avidez e cobiça, ignorando que ela se guarda para aqueles que têm uma disposição de admiração e de oferecimento. Outros procuram nela algo absoluto: destroem assim tanto a felicidade como o ser amado, exigindo deles aquilo que são incapazes de lhe dar.

Este fracasso é grave. Sobretudo para aqueles que renegam a sua experiência de felicidade, que ironizam com eles próprios, ou, simplesmente, acham ter sido vítimas de uma ilusão. Perder a fé na felicidade é, muitas vezes, vocacionar-se para não encontrar, ou não conservar, a fé em Deus.

Mas, felizmente, há aqueles para quem esta experiência permanece a grande experiência. Com certeza que, com os anos, perde um pouco a sua vivacidade e a sua alegria iniciais, mas é em benefício de uma lucidez, de uma profundidade, de uma solidez que o amor na sua primavera não podia conhecer. Estes sabem bem que receberam a felicidade absoluta para partilhar, mas aprenderam a ver, na felicidade que sai do seu amor, a promessa de outra felicidade que, juntos, procuram e da qual conhecem já o sabor.

Padre Henri Caffarel
Revista l'Anneau d'Or

Nº especial: o casamento, caminho para Deus.

II. Deus e nós

A comunhão dos santos e a intercessão

Sexta
Reunião

*”Sê solidário com este mundo que te transmitiu a vida!
Sê responsável pelo teu irmão”*

Xavier Thévenot

Baptizados, fazemos parte de uma enorme família: a Igreja militante que ainda caminha sobre a terra, a Igreja triunfante do céu e as almas do purgatório a que se chama também a Igreja sofredora.

A **Igreja** é Comunhão dos santos uma vez que os seus membros são tornados santos no baptismo pelo dom do Espírito e pela sua incorporação no Corpo santo e ressuscitado de Cristo.

Estamos pois em comunhão com a Virgem Maria e com todos os que morreram na paz de Cristo; com aqueles de quem “*só Deus conhece a fé*” como diz a oração eucarística nº 4 mas também com “*todos os que, sem ter sido batizados, são hoje em dia cidadãos da Cidade do alto... realização da Humanidade segundo os designios de Deus*”.

“**Estar em comunhão com**” é uma grande e bela realidade que vai mais longe do que nós pensamos. Porque a origem da palavra *comunhão* significa bem mais que a união num mesmo estado de espírito. Pensa-se logo em “*com-união*”, “*união com*”, uma união comum de seres que seriam um só, é uma explicação possível. **Comunhão** vem de outra palavra latina, “*munus*”, que quer dizer função, trabalho, carga. Assim, a comunhão nasce do “*fardo levado com*”, da tarefa comum. Deste peso partilhado nascerá a alegria da amizade. “*Levai os fardos uns dos outros e cumpri assim a lei de Cristo*”, diz São Paulo. Esta comunhão não engana.

Somos pois responsáveis uns pelos outros, especialmente ao interceder pela oração e o oferecimento uns pelos outros. A noção de salvação só pode ser comunitária.

Estamos também em comunhão com as almas do purgatório e podemos ajudá-las com as nossas orações. É certo que é Deus que purifica, mas a tradição da Igreja Católica sempre afirmou que os que estão no purgatório beneficiam das nossas orações. Podemos também beneficiar da intercessão dos santos já introduzidos na beatitude da visão de Deus “*Passarei o meu céu a fazer o bem sobre a terra*” prometeu Santa Teresa do Menino Jesus.

Segundo o catecismo da Igreja católica, o termo “**Comunhão dos Santos**” tem dois significados estreitamente ligados: comunhão com as coisas santas (*sancta*) e comunhão entre as pessoas santas (*sancti*).

O apóstolo Paulo incita-nos a esta intercessão: “*Com orações e súplicas de toda a sorte, orai em todo o tempo, no Espírito, e para isso vigiai com toda a perseverança e súplica por todos os santos.*” (Ef 6, 18). Em

1956, o Padre Caffarel fundou os grupos dos intercessores das Equipas de Nossa Senhora, para que rezem por todas as intenções da Igreja, da humanidade, das nossas famílias; estas intenções são-lhes confiadas trimestralmente na “*carta aos intercessores*”.

A **Eucaristia** é um sacrifício de intercessão pelos vivos e pelos mortos. Na Eucaristia, Cristo intercede por todos os que ainda não entraram na glória de Deus: “*Por isso é capaz de salvar totalmente aqueles que, por meio dele, se aproximam de Deus, visto que ele vive para sempre para interceder por eles.*” (He 7, 25). Assim, cada batizado que participa numa Eucaristia, fá-lo para a glória de Deus mas também pela salvação de todos.

Para aqueles que temem já não servir para nada, há aqui a possibilidade de uma acção mais eficaz, mesmo não sendo tão visível, a de nos juntarmos à vocação dos religiosos que, no mundo, asseguram, a toda a hora, a permanência da ligação dos homens com Deus.

Aqueles que a doença, o cansaço ou a impossibilidade de sair de casa afasta da sociedade visível dos homens, têm aqui uma forma, de suprema eficácia, de manter uma ligação com Deus e com os homens pela comunhão dos santos.

Não estamos sós neste mundo onde, pelos média, a solidariedade dos homens é cada vez mais forte, quer no plano económico, quer no plano político ou no plano espiritual. Não estamos sós, pois Cristo está connosco e conduz-nos ao Pai.

Não tenhamos medo, a partir do nosso sofá ou da nossa cama, de formular intenções para o mundo, de pegar no nosso telefone para permanecer em contacto com outras pessoas, de receber uma visita que nos foi proposta, de aceitar, quando isso se proporciona, ser “ajudado” para ir a uma missa, a uma reunião...pois entre aquele que é servido e aquele que serve desenvolvem-se laços de comunhão: “*Eu sou aquele que serve no meio de vós*”, disse Cristo: Acolhemos com alegria o Cristo servidor que se oferece a nós? Ou pomos em primeiro lugar uma falsa vergonha de estar quase sempre na posição de necessitado?

Se o nosso futuro na terra parece prometer mais retrocesso e mais sofrimento, perante uma morte que se avizinha, pensamos em oferecê-los, antes que eles se apoderem completamente de nós? O nosso sofrimento não é em vão quando o unimos a Cristo, “*Servidor e sofredor*”.

A nossa morte torna-se fonte de fecundidade quando está em união com a de Cristo e de todos os que deram a sua vida por amor pelos outros.

Sim, tanto na comunhão dos santos como na Igreja há **diversidade de dons e de ministérios**. Se alguns, trabalhando para Deus “*na vida activa*” têm efectivamente pouco tempo para rezar, se outros, tendo já passado para o outro lado, contam com a nossa oração, a nossa vocação, uma vez que estamos disponíveis, é certamente esta: a intercessão. De facto, sabemos que a oração consegue tudo do coração de Deus, e que o próprio Cristo nos convida a “*orar sem cessar*”.

Palavra de Deus para a oração na reunião: Hino ao amor de Deus (Rm 8, 31 -39)

Depois disto que nos resta a dizer? Se Deus está connosco, quem estará contra nós? Quem não poupou o seu próprio Filho e o entregou por todos nós, como não nos haverá de agraciar em tudo junto com ele? Quem acusará os eleitos de Deus? É Deus quem justifica. Quem condenará? Cristo Jesus, aquele que morreu, ou melhor, que ressuscitou, aquele que está à direita de Deus e que intercede por nós?

Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? Segundo está escrito: Por sua causa somos postos à morte o dia todo, somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro.

Mas em tudo isto somos mais que vencedores, graças àquele que nos amou.

Pois estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus, nosso Senhor.”

*Ensina-nos Senhor,
O que é a verdadeira oração de intercessão
frente ao mal, frente ao pecado.
Ezequiel diz-nos que o verdadeiro profeta
é aquele que está de atalaia pelo seu povo,
pronto a morrer por ele.
A oração, é em primeiro lugar, estar de atalaia pelos irmãos,
por solidariedade para com eles.*

M. J. Guillou

Pistas de reflexão

A. Comunhão dos santos :

- Que sentido dar à palavra “*santos*”? na festa de “*Todos os Santos*”?
- Que ideia tínhamos da Comunhão dos santos antes de ler este capítulo (os vivos, os mortos, os canonizados, os outros...) ? E agora? A que ponto temos consciência de fazer parte deles?
- A perda de um ente querido, a viuvez: como viver estas realidades na comunhão dos santos? Aquele que partiu permanece vivo. Continua presente. Não estava Cristo presente junto dos apóstolos de uma maneira nova, misteriosa, mas real?

B. A intercessão:

- Rezamos pelas intenções que nos são confiadas pela Igreja, pelo Movimento, pelo sector, pelos nossos amigos... (individualmente, em casal, em equipa)? Como é que nos informamos acerca dessas intenções (Oração universal, “*carta das equipas*”, “*carta dos intercessores*”, boletim de sector, contactos telefónicos, correspondência...)? Estamos suficientemente abertos nesse sentido? (Podemos reler Tm 2, 1-6)
- Mandamos rezar missas pelos vivos, pelos mortos? Que sentido damos nós a esse gesto?
- Como é que, durante a missa, nos unimos ao Sacrifício de intercessão de Cristo e à oração dos outros homens na terra e no céu? Em que momento particular?
- O nosso sofrimento é redentor quando nos unimos a Cristo. Sabendo quanto é difícil oferecê-lo quando ele se apodera de nós, achamos possível fazê-lo antes?

Regra de vida

Fazemos parte integrante do corpo místico de Cristo. Como concretizar esta realidade hoje na minha vida:

- Intercessão pelos vivos
- Oração pelas almas do purgatório
- Estarmos particularmente atentos às orações eucarísticas que nos falam da comunhão dos santos.

Textos de apoio

Carta aos nossos amigos doentes, isolados, em sofrimento.

Caros amigos, irmãos e irmãs

Cada um de vós vive duas existências simultâneas.

A primeira, terrena, recebida de Deus através dos nossos pais, traz-

-nos, com a idade, limitações por vezes difíceis de suportar: fazemos sofrer ou humilham-nos; são a “nossa cruz”.

A segunda, espiritual, proposta por Deus, conduz-nos para uma plenitude sem limites: a de uma consciência iluminada pelo Espírito de Cristo, a de um coração purificado para amar cada vez melhor um número cada vez maior de pessoas. É o nascimento para um mundo novo. É a sabedoria plena e a maturidade espiritual oferecidas por Deus.

Observemos Jesus, ouçamos as Suas palavras. Quando Ele oferece a sua existência recebida de Maria, esta vida que as nossas injustiças vão pregar na cruz, está já no cume da sabedoria e da maturidade espiritual. É só Amor, compreensão, misericórdia, atenção aos doentes e às pessoas comuns. E, no entanto, tem menos de 40 anos. Mas é divinamente homem. É Deus, cheio da mais terna humanidade por toda a Humanidade.

Convosco, na confiança, contemplo-O, escuto-O, admiro-O. E rezo--Lhe por todos aqueles que não estão bem, que vivem infelizes, que sentem dolorosamente a sua solidão, que ainda têm uma necessidade de vingança que torna doente o seu coração.

Como vós, eu peço-Lhe que nos cure, que torne claro o nosso olhar sobre as coisas realmente importantes, que encha o nosso coração de humilde ternura. É isto uma verdadeira ressurreição, desde hoje, e para durar sempre. É isto a verdadeira Felicidade.

*Jean-Charles THOMAS, Bispo de Versailles
Quaresma e Páscoa 1996*

A comunhão entre Igreja do céu e Igreja da terra (“Lúmen Gentium”- Vaticano II - nº49)

Assim, esperando que o Senhor, escoltado de todos os seus Anjos (cf. Mt. 25,31) volte na sua glória e que, uma vez destruída a morte, todas as coisas lhe sejam submetidas (cf. 1Co 15, 26-27), alguns dos seus discípulos caminham sobre a terra enquanto outros, depois desta vida, sofrem a purificação e que outros, enfim, desfrutando da glória, contemplam claramente Deus uno e trino, tal como ele é. Todos nós, no entanto, mesmo que em graus diversos e de maneira diferente, comungamos no mesmo amor de Deus e do próximo e cantamos a Deus o mesmo hino de glória. Com efeito, todos os que estão em Cristo por terem recebido o seu Espírito estão unidos numa só Igreja e aderam uns aos outros nele (cf. Ef 4, 16). A união daqueles que estão a caminho com os irmãos que adormeceram na paz de Cristo, longe de se quebrar, vê-se, ao contrário, reforçada pela comunicação dos bens espirituais, segundo a fé imutável recebida na Igreja. Em virtude da sua união íntima com Cristo, os bem-aventurados tornam mais firme a santidade de toda a Igreja, enobrecem o culto que ela presta a Deus nesta terra e contribuem de várias maneiras à obra crescente da sua edificação. Com efeito, uma vez acolhidos na pátria celeste e permanecendo perto do Senhor (cf. 2 Cor. 5,8), por Ele, com Ele e nele, não deixam de interceder por nós junto do Pai, de oferecer os méritos que adquiriram sobre a terra graças a Cristo Jesus, único Mediador entre Deus e os homens (cf. 1 Tm 2,5), servindo o Senhor em todas as coisas e acabando o que falta às atribuições de Cristo na sua carne em favor do seu Corpo, que é a Igreja (cf. Cl 1,24). É pois uma ajuda apreciável que a sua solicitude fraterna traz à nossa fraqueza.

Reforçar a COMUNHÃO COM DEUS

Interrogava-me esta manhã sobre a melhor forma de conseguir um bom final de vida, e procurava-a longe de Deus! Impensável e constante deriva. No entanto, sei perfeitamente que o sucesso da nossa vida não está na conquista ou na técnica mas na comunhão com Deus.

Eu andava longe da comunhão apesar dela me poder dar tudo. E esse tudo incluía conquistas proveitosas e técnicas eficazes. Mais

ainda: posso suportar qualquer fraqueza com o poder de Deus. Mas primeiro, reforçar a comunhão.

Sei-o e continuo a pensar e agir como se não soubesse que a nossa verdadeira consistência e os nossos verdadeiros sucessos se medem pela intensidade da nossa comunhão.

É maravilhosa a oração da manhã que me volta a pôr em comunhão: “Abre-me ao teu amor, espero tudo de ti”.

É aí que reforço a minha convicção de que tudo correrá bem durante o dia se eu não deixar de estar em comunhão.

Pelo abraço duplo: uma oração rápida e a vontade de fazer o que Deus espera de mim, aqui e agora. Então, estou de tal forma com ele que ele actua por mim. Realiza as suas obras nas minhas obras, sou o local da sua vida actuante. Que mais posso eu querer além desta comunhão?

André

II. Deus e nós

O Sacramento dos doentes.

O Santo Viático



Sétima
Reunião

“Alguém dentre vós está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja para que orem sobre ele, ungiendo-o com óleo em nome do Senhor”

(Tg 5,14)

A – O SACRAMENTO DOS DOENTES

Temos de nos preparar para esta última etapa da vida que nos conduz ao encontro definitivo com o nosso Deus e familiarizarmo-nos com os tesouros que a Igreja põe à nossa disposição para vivermos

humanamente e cristãmente, nesta última fase da vida terrestre, antes do nosso bem-aventurado nascimento na cidade celeste.

1 - Um dom de Deus

O sacramento dos doentes faz parte da plenitude dos dons de Deus: deveríamos todos preparar-nos para o receber algum dia. É depois reavivado pela Eucaristia, o perdão. Mas toca num ponto sensível: a nossa morte inevitável.

2 - A doença na vida humana

a) *Está misteriosamente ligada ao problema do mal.*

- atinge a nossa integridade física, impedindo-nos de realizar as nossas actividades quotidianas e, ao mesmo tempo, retira-nos do mundo dos saudáveis.
- coloca-nos em situação de dependência de outros. Tornamo-nos um fardo para a sociedade e para os nossos próximos. Esta sensação de aparente inutilidade e de humilhante dependência aumenta o nosso sofrimento e a nossa angústia.
- muitas vezes a doença é acompanhada de sofrimentos físicos e morais que aumentam ainda mais o sentimento de revolta e de injustiça dos doentes e dos seus próximos.

b) *Mas, paradoxalmente, para além do lado dramático da sua natureza, a doença pode ter efeitos salutareos e singularmente positivos.*

- *é um caminho de conversão.* Ao tornar a pessoa mais capaz de discernir na sua vida o que não é essencial para se virar para o que o é, este facto leva o doente a situar-se na verdade.
- *pode ser um caminho de redenção.* A doença pode permitir ao doente assumir a sua vida passada e querer ser bem sucedido no

resto da sua existência. Nestes momentos supremos, a súplica que nasce no coração do homem é um pedido de acompanhamento, de solidariedade e de apoio na sua provação. Como diz João Paulo II na sua encíclica *Evangelium Vitae*, é um pedido de ajuda para continuar a esperar quando todos os meios humanos desaparecem

- *permite assim a entrada em acção de uma solidariedade humana.* Como cristãos, temos, perante a doença, de dar conta, também, da esperança que há em nós e de acompanhar o doente ao longo das suas provações. Em todos os tempos, a Igreja e as famílias cristãs zelaram em acompanhar, com a sua presença, mesmo silenciosa e desarmada, os seus parentes próximos, no momento da grande partida. Todos os que souberam ultrapassar os seus medos, e se conseguiram assim mostrar-se disponíveis, reconhecem ter recebido muitíssimo mais do que aquilo que efectivamente deram.

3 - Jesus, perante a doença e a morte

Vendo a forma de Jesus agir durante os 3 anos da sua vida pública, não podemos continuar a duvidar: o sofrimento é um mal, a morte é um mal. Jesus situa-se imediatamente do lado do homem e contra o Adversário, fonte e causa de todos os nossos males. Vemo-lo, constantemente, no Evangelho, debruçar-se sobre a miséria humana, curar, reconfortar, pôr de pé: “*Levanta-te, pega na tua enxerga e anda*”. Vemo-lo ressuscitar o filho da viúva em Naim, a filha de Jairo, o seu amigo Lázaro.

Ele próprio caminha consciente e resolutamente para a sua morte, olhando-a de frente. Mais ainda, transforma a sua horrível e ignominiosa morte numa dádiva de amor para todos os homens.

Pela Sua Paixão e pela Sua Cruz, dá um novo sentido ao sofrimento, convidando todos os doentes a se associarem a Ele para a salvação do mundo.

4 - O Sacramento dos doentes

a) “*Curai os doentes*” (Mt 10,8)

Esta ordem que o Senhor dá aos seus discípulos é recebida pela Igreja como uma missão. E ela realiza-a, tanto pelos cuidados que leva aos doentes, como pela oração de intercessão com a qual os acompanha. Ela acredita na presença vivificante de Cristo, médico das almas e dos corpos.

b) A *unção*

A Igreja acredita e confessa que existe um sacramento especialmente destinado a confortar aqueles que são postos à prova pela doença e que é atestado por São Tiago, apóstolo do Senhor:

“Alguém dentre vós está doente? Mandem chamar os presbíteros da Igreja para que orem sobre ele, ungiendo-o com óleo em nome do Senhor. A oração da fé salvará o doente e o Senhor o porá de pé; e se tiver cometido pecados, estes serão perdoados.” (Tg 5, 14-15) Este texto fundador de São Tiago é didáctico em mais do que um aspecto:

“Alguém dentre vós está doente?”, não é à primeira vista um agonizante, mas um paciente - (patior: sofrer) quer dizer, alguém que sofre perigosamente na sua carne.

“Mandem chamar”. Cabe ao doente tomar a decisão, ajudado nesse sentido pelos que o rodeiam, mas é um doente lúcido, em plena posse das suas faculdades.

“A oração da fé salvará o doente”. O sacramento pede sempre a fé do doente e da Igreja na qual Cristo vivo actua. E mesmo se as orações mais intensas não conseguem a cura de todas as doenças, elas permitem ao doente entrar mais profundamente nos desígnios de Deus e estar mais intimamente unido ao mistério da Redenção.

c) Quando é que se deve receber o sacramento dos doentes?

A unção dos doentes não está reservada só aos que se encontram numa situação extrema. Também está destinada àqueles que começam a estar em perigo de vida por causa da progressão inexorável da doença ou por um enfraquecimento físico ou por velhice.

Da mesma maneira, o sacramento pode ser administrado a alguém que esteja em vésperas de uma operação complicada, e reiterado no decurso de uma mesma doença, no caso de esta se agravar.

Finalmente, é conveniente lembrar que só os padres podem administrar este sacramento e que é para eles uma grande alegria do seu sacerdócio levar as graças deste sacramento a todos aqueles que lho pedirem.

d) As graças do Sacramento

Uma graça especial do Espírito Santo

Que conforta, apazigua e fortifica a coragem do doente para vencer a doença e as dificuldades inerentes ao seu estado ou à fragilidade da velhice. São muitos os doentes que verificam uma melhoria sensível do seu estado e que passam a sentir uma grande paz interior.

Uma graça de união à Paixão de Cristo

Que dá ao doente a força e o dom de se unir mais intimamente à paixão de Cristo. Torna-se como “*consagrado*” para dar fruto pela sua participação à obra salvífica de Cristo.

Uma graça eclesial

No mistério da Comunhão dos Santos, o doente recebe a ajuda de toda a Igreja, do Céu e da Terra e, em troca, associando-se livremente à Paixão de Cristo, contribui para a santificação da Igreja e para o

bem de todos os homens pelos quais a Igreja sofre e se oferece por Cristo a Deus Pai

B - O SANTO VIÁTICO

O Viático: Um “viático” é, em português, dinheiro ou provisões que se dão a alguém que vai para uma viagem. Daí o hábito de dizer, quando se levava a comunhão a um moribundo, que ia receber a Eucaristia como “viático”. A imagem é bonita. A morte não é o fim da vida, é a partida para a verdadeira viagem.

A todos os que vão deixar esta vida a Igreja oferece, além da unção dos doentes, a Eucaristia como viático. Através deste sacramento é Jesus em pessoa que vem enfrentar a agonia e o tentador.

Não há muito tempo, a morte era um acontecimento público: morria-se na família, rodeado dos seus. Para vencer a morte é preciso enfrentá-la lucidamente, vivê-la activamente como Cristo e com Ele. Mandar vir o padre quando o moribundo está inconsciente ou morto não faz qualquer sentido.

O santo viático é uma força para o último combate (agonia) e um alimento de vida eterna. Permite-nos deixar o mundo com o Ressuscitado.

Qualquer sacramento decorre do mistério pascal, mistério de passagem da morte à vida. E o momento em que comungamos mais intimamente com a Passagem de Cristo é mesmo aquele da nossa própria passagem em Cristo.

O Santo Viático é a grande oração eucarística de Jesus, na hora da sua própria morte, sobre aquele ou aquela que vai morrer:

*“Pai, chegou a hora: glorifica o teu Filho,
para que o teu Filho te glorifique,
e que, pelo poder que lhe deste sobre toda a carne,
ele dê a vida eterna a todos os que lhe deste!
Ora, a vida eterna é esta:*

*que eles te conheçam
a ti, o único Deus verdadeiro,
e aquele que enviaste, Jesus Cristo.
Eu te glorifiquei na terra,
concluí a obra que me encarregaste de realizar.
E agora, glorifica-me, Pai, junto de ti,
com a glória que eu tinha
antes que o mundo existisse.
Manifestei o teu nome aos homens
que do mundo me deste.
Eram teus e os deste a mim
e eles guardaram a tua palavra.
Agora reconheceram
que tudo quanto me deste vem de ti,
porque as palavras que me deste
eu as dei a eles, e eles as escolheram
e reconheceram verdadeiramente
que saí de junto de ti e que me enviaste.
Por eles eu rogo;
não rogo pelo mundo,
mas pelos que me deste,
porque são teus,
e tudo o que é meu é teu
e tudo o que é teu é meu,
e neles sou glorificado.
Já não estou no mundo;
mas eles permanecem no mundo
e eu volto a ti.
Pai santo,
guarda-os em teu nome
que me deste,
para que sejam um como nós.
Pai justo
o mundo não te conheceu,
mas eu te conheci
e estes reconheceram
que tu me enviaste.
Eu dei-lhe a conhecer o teu nome
a fim de que o amor com que me amaste esteja nele*

e eu nele.”

(Jo 17)

Palavra de Deus para a oração na reunião (Lc 4, 38-41)

“Saindo da sinagoga, entrou na casa de Simão. A sogra de Simão estava com febre alta, e pediram-lhe por ela. Ele inclinou-se para ela, conjurou severamente a febre, e esta deixou-a; imediatamente ela se levantou e se pôs a servi-los.

Ao pôr-do-sol, todos os que tinham doentes atingidos de males diversos traziam-nos, e ele, impondo as mãos sobre cada um, curava-os. De um grande número também saíam demónios gritando: “Tu és o filho de Deus!” Em tom ameaçador, porém, ele proibia-os de falar, pois sabiam que ele era o Cristo.”

- A opinião geral, mesmo de católicos, é que o sacramento dos doentes é o sacramento dos moribundos: de que forma podem ajudar os que vos rodeiam a melhor compreender este sacramento, para que ele se transforme num sacramento dos vivos?
- Já tiveram a oportunidade de falar do sacramento dos doentes a pessoas gravemente doentes? Qual foi a reacção dessas pessoas e das que as rodeavam?
- Acreditam verdadeiramente, ao receber este sacramento, em caso de enfraquecimento da vossa saúde, que é Jesus Ressuscitado, médico do corpo e da alma, que vem ao vosso encontro?

Regra de vida

- De acordo com a idade dos membros da equipa, encarar a possibilidade de receber, em equipa, o sacramento dos doentes.
- Falar a doentes graves que visitemos da possibilidade de receberem este sacramento, falando-lhes com fé e convicção.

Textos de apoio

Testemunho de um médico

“Sempre me chocou a forma como as famílias se demitem quando um dos seus está às portas da morte. Mesmo num meio cristão, verifica-se, vezes demais, que toda a gente foge diante das suas responsabilidades, diante da obrigação absoluta e grave de prevenir o doente que vai comparecer perante Deus e que é preciso preparar-se. Dir-me-eis que esse medo é mais que legítimo e eu concordo. É uma explicação possível para esta atitude, mas não a desculpa, sobretudo quando temos fé. Temos sempre medo de impressionar o moribundo. Mas é um engano e eis a prova:

Fui muitas vezes obrigado, perante esta falta de coragem geral, a resolver a situação. Ora, na grande maioria dos casos, não tive tempo de reflectir. Nesses momentos, perguntei-me sempre, numa fracção de segundo e com preocupação, o que é que eu iria poder dizer e como é que iria abordar esse moribundo que, quase nunca, se apercebia do seu estado. Este reflexo, muito humano, faz-me subitamente tomar consciência da pobreza dos meus meios. Por reflexo, peço então a ajuda e a luz do Espírito Santo para esta alma que vai partir para Ele. Ora, tão extraordinário que isto vos possa parecer, nunca, e digo mesmo nunca, na minha já longa carreira de médico, tive um único fracasso. Estou certo, absolutamente certo, que os moribundos têm graças especiais. Estou certo, absolutamente certo, que não há momento nenhum da sua vida em que o Senhor esteja mais próximo deles, eles a quem Ele ama a ponto de lhes ter dado o seu Filho, e de lhes ter dado o seu Filho crucificado para os salvar. E nas palavras que saem então do meu coração para este irmão doente, aquilo que faz com que ele as receba sempre com uma calma e uma simplicidade desconcertantes é o facto delas lembrarem àquele que vai partir o amor imenso do seu Deus e a sua misericórdia infinita que lhe oferecem esta alegria e esta felicidade que não acabam e com as quais sonhou toda a sua vida. Basta, para isso, que tenha consciência da sua pobreza (e os moribundos têm uma grande lucidez nesse momento) e que a ofereça humildemente ao Senhor, pedindo-lhe o Seu perdão e o Seu Amor.

Posso dizer-vos então que, pela experiência do que vi e ouvi, Deus nunca deixa de atender um pedido assim. E penso mesmo que não o pode fazer! A calma e a serenidade dos moribundos que aceitam ou pedem nesse momento o Sacramento dos doentes pareceu-me sempre ser, para eles, o anúncio e a prova da sua Ressurreição nos últimos dias. Chegou a maravilhosa alegria da Páscoa!”

Tu ressuscitarás meu irmão, como Ele disse, Aleluia!

Dr R.Traissac

Oração

Senhor:

...Fazei que depois de ter descoberto a alegria de utilizar todo o crescimento para vos fazer, ou para vos deixar crescer em mim, eu aceda sem dificuldade a esta última fase da comunhão durante a qual eu vos possuirei diminuindo em vós.

Depois de vos ter visto como Aquele que é um “*mais que eu próprio*”, fazei, “*quando chegar a minha hora*”, que eu vos reconheça sob as espécies de cada potência, estranha ou inimiga, que parecerão querer destruir-me ou suplantar-me. Quando, sobre o meu corpo (e mais ainda sobre o meu espírito) se começarem a notar as marcas da idade; quando se fundar em mim vindo de fora, ou nascer em mim vindo de dentro, o mal que nos diminui ou nos leva; no minuto doloroso em que eu tomar consciência de que estou doente ou de que estou a ficar velho; nesse momento último, sobretudo, em que sentirei que estou a escapar de mim mesmo....

Em todas essas horas sombrias, fazei-me, meu Deus, compreender que sois Vós (oxalá que a minha fé seja suficiente) que afastais dolorosamente as fibras do meu ser para penetrar, até à medula da minha substância, para me levar em Vós.

Pierre Teilhard de Chardin
O meio Divino

II. Deus e nós

A vida para lá da vida



“Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer, produzirá muito fruto.”

(Jo 12,24)

A. A PASSAGEM

“Eu estarei contigo” (Ex, 3-12)

1 - Preparação espiritual

Deveríamos-nos preparar para a morte desde a nossa juventude, uma vez que ela é o acontecimento mais importante e também o mais inelu-

tável da nossa vida. Pensar neste assunto não está pois reservado a pessoas de idade avançada, mas nesta idade é possível fazê-lo com maior lucidez e mais desprendimento, sem, entretanto, negar a angústia sempre ligada a este rompimento.

É certo que temos fé: ela foi a grande sorte da nossa vida e será também a graça da nossa morte. No entanto, *“é diante da morte que o enigma da condição humana atinge o seu cume. O homem não só é atormentado pelo sofrimento e pela decadência progressiva do seu corpo mas, mais ainda, pelo medo da destruição definitiva. E é por uma inspiração certa do seu coração que rejeita e recusa essa ruína total e esse fracasso definitivo da sua pessoa. O gérmen de eternidade que traz nele, irreduzível apenas à matéria, insurge-se contra a morte”*

(Vaticano II, A Igreja no mundo deste tempo, 18,1).

Cristo aceitou partilhar a nossa condição humana, até à angústia diante da morte no Getsemani: *“A minha alma está triste de morte”*. Ele tinha o poder de recusar aquela passagem, assumiu-a por nós, e sabemos que estará connosco nesse momento e que nos trará a Sua paz.

São Paulo que suportou todo o tipo de sofrimentos diz-nos: *“Os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em vós.”* (Rm 8,18).

E também: *“As nossas tribulações momentâneas são leves em relação ao peso eterno de glória que elas nos preparam”* (2 Cor. 4,17).

Então, a melhor maneira de nos prepararmos para a morte é, sem dúvida, viver o momento presente tão lúcida e intensamente quanto possível, permanecendo sob o olhar de Deus.

O convite a morrer por Cristo é um convite para viver cada momento da nossa vida...Podemos acreditar no céu e esperar ir para lá e, ao mesmo tempo, amar apaixonadamente a vida nesta terra.

“Felizes os mortos, os que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, que descansam de suas fadigas, pois as suas obras os acompanham.” (Ap 14,13)

2 - A morte de Cristo. A nossa morte

A morte de Jesus, a sua maneira de a viver, sem revolta nem vingança, dá sentido a qualquer morte humana.

Nós Nós temos medo.

Quereríamos evitar o que vai acontecer.

Ele Começou a sentir pavor e angústia de morrer.

“Abba! Tudo é possível para ti: afasta de mim este cálice; porém não é o que eu quero, mas o que tu queres”. (Mc 14)

Nós Conhecemos o deserto, a solidão, o abandono.

Ele *“Não foste capaz de vigiar por uma hora?”* (Mc 14,37)

Nós Sofremos. Sentimo-nos sós. Deus parece calar-se.

Ele *“Tenho sede!”* (Jo 19,28)

“Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?” (Mc 15)

Nós Sentimo-nos, por vezes, profundamente humilhados.

Ele *“Os chefes zombavam... Os soldados também troçavam d’Ele”*
(Lc 23, 35-36)

Nós Estamos revoltados. Porquê eu?

Ele *“Pai, perdoa-lhes. Eles não sabem o que fazem.”* (Lc 23,34)

Os acontecimentos da Páscoa, que são o outro lado da morte de Jesus, dão a esperança de *“um outro lado”* a qualquer morte humana.

3 - Oração do Padre Foucauld

Pai,
Abandono-me a ti,
Faz de mim o que quiseres.

O que quer que seja que faças de mim,
Agradeço-te.
Estou pronto para tudo,
Aceito tudo.

Oxalá que a tua vontade se faça em mim,
em todas as tuas criaturas,
Não desejo mais nada, meu Deus.

Coloco a minha alma entre
as tuas mãos.
Dou-ta, meu Deus,
com todo o amor do meu coração,
porque te amo,
e que é para mim uma necessidade de amor
o dar-me,
colocar-me nas tuas mãos sem medida,
com uma confiança infinita,
pois tu és o meu Pai.

4 - A morte, mestra de vida

(...) A morte, aprende-se com cada arrancar definitivo dos entes queridos.
Pois mesmo quando a fé e a esperança reunidas,
e mesmo quando a nossa caridade para com eles
manifestam a nossa alegria de os ter entregue,
nós, ficamos com o nosso sangue que protesta,
com a nossa carne magoada, lesada,
a nossa carne da qual parece terem morto um grande bocado
e este horror da terra, do escuro e do frio
que fez chorar mesmo Jesus.

A morte, aprende-se uma tarde entre a vigília e o sono.
Ela revela-nos a sua espera, escondida no fundo de nós,
ela sopra-nos na cara como para nos domesticar
e ficamos surpreendidos por precisarmos tanto de coragem.

...A vida, é a nossa mestra de morte.

Mas, por sua vez, a morte torna-se para nós mestra de vida,
nós que conhecemos a penitência humana.

Como a mãe que sofre o parto da criança que nasce,
como o pai que sua para alimentar a criança que vive,
assim levamos a nossa morte

começada e logo terminada

como o nosso próprio e definitivo parto.

Mas trata-se de nascer bem, cada vez que morremos,
de nascer um pouco quando morremos um pouco,
e de nascer muito quando morremos muito

Trata-se, neste convívio com a morte,

De aprender a conviver com a vida.

Trata-se de mudar para o que é eterno, como os negativos
das películas fotográficas para a fotografia onde todos
os negros se tornam brancos.

Trata-se de abrir os nossos olhos de fé aí onde os nossos próprios
olhos

permanecem fracassados.

Da mesma forma que, ao olhar o nosso jardim, não ficamos
consternados pelo amarelecimento de uma erva,

interessemos-nos suficientemente pelos “*séculos dos séculos*”
para que o tempo da nossa vida nos seja indiferente

e para que o tempo de tudo o que amamos

seja desde já transferido para uma eternidade tranquila.

Assim aprenderemos a morrer a morte

para viver a vida autentica.

Madeleine Delbrêl
“Alegria de crer”

B . RESSURREIÇÃO. PARA LÁ DA MORTE

1 - Ressurreição da carne

“Vê-lo-ei com os meus olhos de carne” (Jó)

O termo português “*carne*” não tem exactamente o mesmo significado que a palavra hebraica correspondente; um judeu não opõe a carne ao espírito como o fazemos em português. A carne, para ele, é o homem todo inteiro na sua condição mortal, com a sua fraqueza e a sua fragilidade, mas também com o seu enraizamento na natureza, num meio ambiente, numa raça. A carne inclui todas as relações entre as pessoas e as coisas. Quando afirmamos que acreditamos na ressurreição da carne – é uma parte do nosso credo –, dizemos que é o homem inteiro que ressuscita.

O que a Igreja afirma é essencialmente o seguinte: a nossa beatitude eterna vai ser uma beatitude de homem, quer dizer, em conformidade com a natureza do homem:

- **social e comunitária**, pois o homem é um ser social e uma beatitude individualista não corresponderia à sua natureza;
- **encarnada**, pois o homem não é espírito puro;
- **divina**, consistindo na unidade com Deus, pois o homem não é um ser fechado nele próprio, é aberto sobre o infinito; ou, dizendo de outra forma, uma das dimensões do homem é a sua aspiração ao infinito.

Estes três aspectos estão intimamente ligados **no dogma da ressurreição da carne**. Quero dizer que uma tal beatitude, plenamente humana, só pode ser realizada na e pela ressurreição da carne; se o homem não ressuscitasse inteiramente, corpo e alma, a nossa beatitude eterna não seria uma beatitude de homem mas uma recompensa exterior, oferecida ao

homem de fora, como uma bicicleta que se oferece a um rapaz que passou no exame. Já não seria o homem, que eu sou por natureza, mas um ser novo e diferente que seria eternamente feliz, não seria a minha beatitude.

François Varillon
“Alegria de crer, alegria de viver”

2 - O pensamento de Santo Irineu

É pelo poder o Espírito Santo que ressuscitaremos.

Esta frase magnífica foi extraída do livro “Adversus Haereses” escrito por Santo Irineu de Lyon, para lutar contra as gnoses que proliferavam na sua época.

Santo Irineu nasceu provavelmente em Esmirna por volta do ano 125. Em 177, reencontramo-lo bispo de Lyon. Diz-nos no seu livro que, na sua juventude, conheceu o velho bispo São Policarpo e que este *“ensinou sempre a doutrina que aprendeu dos apóstolos, doutrina essa que é também a que a Igreja transmite e que é a única verdadeira”* (III, 3,4)

Sabemos também, por outro lado, que Policarpo era um discípulo do Apóstolo São João.

Estamos, pois, ali muito próximos deste ensinamento dos Apóstolos. Este facto deve ser tomado em consideração e é precioso para nós, pois ali podemos agarrar a doutrina na sua nascente...

Um assunto ao qual Irineu volta constantemente para combater os seus adversários é o da ressurreição de Cristo e, a partir daí, a ressurreição que Ele nos prometeu a nós os crentes por diversas vezes. *“Bem-aventurados os puros de coração porque verão a Deus”* (Mt 5,8) e ainda: *“eu sou a Ressurreição e a Vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto viverá; e todo aquele que vive e crê em Mim nunca morrerá.”* (Jo 11,25)

São Paulo tinha falado muito desta ressurreição de Cristo e da nossa nas suas cartas, ensinando que os crentes vão ressuscitar no estado de homem total, sem amputação do seu corpo. Como Cristo ressuscitado, possuiremos um corpo que já não será carnal mas “*espiritual*” (cf. 1 Cor 15, 42-48), quer dizer inteiramente vivificado pelo Espírito Santo.

Irineu comentará Paulo incessante e abundantemente no seu livro. Talvez tivesse ouvido falar dele por Policarpo, como sendo um mestre seguro.

Falando da miséria da nossa carne humana, e da glória que a espera, Irineu escreve: *“A transfiguração pela qual, de mortal e corruptível ela se torna imortal e incorruptível, esta transfiguração não vem da sua própria substância; esta transfiguração vem da acção do Senhor que tem o poder de conceder a imortalidade ao que é mortal e a incorruptibilidade ao que é corruptível. É por isso que o Apóstolo diz na sua segunda Epístola aos Coríntios «que o que é mortal seja absorvido pela vida» (2 Cor 5, 4-5)... quando a carne já não estiver morta mas viva e permanecer incorruptível, cantando um hino ao Deus que nos dispôs nesse sentido.” (V 13,3).*

E acrescenta, comentando a palavra de Cristo no Getsemani (Mt 26,41): *“Pois se, segundo o testemunho do Senhor, «a carne é fraca», da mesma forma também «o Espírito é diligente», isto é, capaz de conseguir o que deseja. Se, então, alguém mistura a diligência do Espírito em forma de estímulo, à fraqueza da carne, o que é poderoso vencerá certamente o que é fraco: a fraqueza da carne será absorvida pela força do Espírito e um homem assim já não será carnal mas espiritual, por causa da comunhão do Espírito. Assim, os mártires dão testemunho e desprezam a morte, não pela fraqueza da carne mas pela diligência do Espírito.” (V 9,2)*

Algumas páginas antes deste texto, Irineu explicou o seu pensamento de uma maneira original. Sempre a propósito da ressurreição do homem, ele escreve: *“Dar-lhe o ser, criá-lo animal vivo e provido de razão, quando nada existia, nem ossos, nem nervos, nem nenhum*

outro elemento dos que constituem o organismo humano, era bem mais difícil e inacreditável do que reconstitui-lo depois de, tendo já existido, ter sido dissolvido na terra. Pois Aquele que fez no começo, quando quis, aquilo que não era, saberá, tanto melhor, se quer restabelecer na vida que Ele dá aquilo que já existiu.” (V 3,3)

É espantoso constatar que Pascal nos seus “*Pensamentos*” utiliza exactamente o mesmo argumento: “*Ateus – Que razão têm eles para dizer que não se pode ressuscitar? O que é mais difícil, nascer ou ressuscitar, que o que nunca foi seja, ou que o que foi continue a ser? Será mais fácil tornar-se ser do que voltar a ser? O hábito torna um deles fácil. A falta de hábito torna o outro impossível. Forma popular de julgar.*” (Brunschwig 222).

É muito provável que Pascal nunca tenha lido Santo Irineu de Lyon. Mas constatamos aqui que o espírito humano pode permanecer o mesmo durante séculos, sendo sensível aos mesmos argumentos.

Todo o pensamento de Irineu sobre o nosso destino gira em torno desta afirmação constantemente repetida ao longo destas páginas: é o Espírito Santo que Deus nos dá desde aqui em baixo.

Para explicar a presença do Espírito Santo em nós, Irineu serve-se da comparação já utilizada por São Paulo na sua Epístola aos Romanos, a de um *enxerto* (cf. Rom 11, 17-25) e repete longamente que o Espírito Santo está enxertado em nós para que produzamos bons frutos. (V 10,2).

Mas, noutro lado, tem uma outra imagem, bem bonita: “*O Espírito enlaça-se na carne...se, pois, os nossos corações de carne são capazes de receber o Espírito, qual é a surpresa se, no momento da ressurreição, eles contêm a vida que lhes dá esse Espírito?*” (V 13,4). O Espírito enlaça-se na carne... pensa-se em dois apaixonados: o Espírito está apaixonado por esta humanidade que criou para esta união.

E é ao dar-nos o seu Corpo a comer que Cristo enxerta em nós o Espírito Santo, fonte da nossa futura ressurreição: “*Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna.*” (Jo 6).

Irineu fustiga os hereges que não ousam acreditar na ressurreição da carne e ao mesmo tempo participam na Eucaristia: *“Como podem eles dizer que a carne vai para a corrupção e não toma parte na vida, sendo ela alimentada pelo corpo do Senhor e pelo seu sangue? Que mudem a sua maneira de pensar ou que se abstenham de oferecer o que acabamos de dizer...pois, da mesma forma que o pão que vem da terra, depois de ter recebido a invocação de Deus, já não é pão vulgar mas eucaristia, constituída por duas coisas, uma terrena, outra celeste, da mesma forma, os nossos corpos que participam na eucaristia já não são corruptíveis pois têm a esperança da ressurreição.”* (IV 18,5).

Mas cheguemos ao belo texto de onde foi tirado o título destas páginas: *“Da mesma maneira que os que vêem a luz estão na luz e participam no seu esplendor, os que vêem Deus estão em Deus e participam no seu esplendor. Ora, vivificante é o esplendor de Deus.”*

3 - Aborrecimento perpétuo?

Ao ouvir falar do Reino dos Céus, haverá certamente pessimistas que farão este tipo de reflexões: Dizem-se muitas coisas bonitas do céu. Mas o vosso céu não é lá muito tentador! Dá a ideia de uma coisa cinzenta que dizem eterna! O que é que vamos fazer lá em cima? Vai ser um aborrecimento perpétuo!.

Não! Para começar, vamos reencontrar, lá em cima, todos aqueles que amámos e chorámos, aqueles que deixaram um vazio horrível nas nossas vidas, aqueles mortos dos quais nunca nos consolámos verdadeiramente; esses vamos revê-los bem vivos! E não é tudo: esses avós, esses antepassados de quem temos velhas fotografias amareladas ou retratos, esses antepassados que teríamos gostado de conhecer e de quem nos contaram tal ou tal traço de personalidade, esses também vão lá estar.

Hoje, muitos dos nossos contemporâneos desejam encontrar as suas raízes e poder estabelecer uma genealogia, tenha ela prestígio ou

não; correm para as conservatórias à procura de registos de nascimento. Construir uma genealogia é, sobretudo, conhecer os nomes de pessoas de quem se sabe pouca coisa e raras são as pessoas que conseguem encontrar antepassados dos tempos das cruzadas. Todas essas pessoas das quais procurámos os nomes e que são desconhecidas para nós, podemos esperar que estejam lá e que tenham conseguido atingir o seu destino eterno...

No decurso da nossa vida, gostámos de tais músicos, tais pintores, tais escultores, tais arquitectos, tais escritores, todas essas pessoas que apreciámos porque trouxeram beleza ao mundo, provavelmente com a ajuda do Espírito Santo que sabe que temos necessidade de beleza para nos ajudar a viver. Todos esses, vamos poder encontrá-los.

Talvez nos tenhamos interessado por um determinado período da história. Mesma coisa: todas estas personagens de todos os séculos, vamos finalmente descobri-las (pelo menos se estiverem presentes no Reino dos Céus) e, sempre que tivermos pensado “*gostaria de ter conhecido*”, poderemos realizar esse desejo. Encontraremos pois uma imensa multidão de amigos com os quais as relações serão sem inveja, sem azedume, sem desprezo, sem motivo para discussões.

Não esqueçamos que, lá em cima, não seremos só espíritos; Cristo ressuscitado não o era só, e fá-lo compreender aos seus discípulos (cf. Lc 24, 38-44). Ressuscitaremos à imagem de Cristo, o que quer dizer que, ressuscitando corpo e alma ao mesmo tempo, conservaremos todos os meios de expressão e de acção que nos dá o nosso corpo: falar, ouvir, permutar, talvez mesmo passear conversando amavelmente nessa criação “*liberta da escravatura da corrupção*” da qual nos fala São Paulo (Rm 8,21).

Mas não sonhemos...Acima de tudo haverá os Santos em que nos tivermos tornado. E nunca nos cansaremos de dar graças por todos estes homens e estas mulheres que se tornaram obras de arte da graça de Deus. Tendo vivido da vida do Espírito Santo, não deixaremos nunca de admirar até que ponto a obra magnífica e grandiosa do

Senhor através da humanidade inteira reconciliada e transfigurada em Cristo merece honra, glória e louvor eterno ao nosso Deus.

Será que podemos esperar que, no Reino dos Céus, haja também música: hinos, cantatas, oratórios, cânticos, coros...? Todos os Santos nos hão de arrastar nesta alegria de uma oração de adoração; tudo o que pode louvar a Deus na sua glória há de ser feito e estaremos felizes por ter um lugar, mesmo pequeno, nesta sinfonia de louvor infinito.

Mas esta vida em Deus não pode ser descrita, pois Deus está mil vezes para lá das palavras que empregamos para falar dela; não fazemos mais que balbuciar; as nossas palavras indicam uma direcção onde procurar, é tudo. A miséria do nosso vocabulário, a pobreza dos nossos meios de expressão, a indigência dos nossos conceitos fazem com que Deus esteja a mil léguas do que julgamos descrever.

É-nos permitido sonhar na nossa “*cabecinha*”, cantava o Padre Duval “*com um eterno dia de festa*”...

Mas não esqueçamos que, mesmo na canção, Cristo lhe respondeu: “*O teu céu far-se-á sobre a terra, com os teus braços.*”

Oração a escolher de entre estes textos de São Paulo

- *“Tenho como coisa certa que os sofrimentos do tempo presente nada são em comparação com a glória que há de revelar-se em nós. Porque a criação aguarda ansiosa a revelação dos filhos de Deus; se ela foi submetida à vaidade – não voluntariamente, mas por causa de quem a submeteu – foi com a esperança de ser também ela, libertada da servidão da corrupção para participar, livremente, da glória dos filhos de Deus. Sabemos, com efeito, que toda a criação tem gemido e sofrido as dores de parto, até ao presente. E não só ela, mas também nós próprios, que possuímos as primícias do Espírito, gememos igualmente em nós mesmos, aguardando a filiação adoptiva, a libertação do nosso corpo. Por-*

que na esperança é que fomos salvos. Mas, a esperança que se vê não é esperança, pois aquilo que alguém vê, como é que o espera ainda? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o esperamos...”

“Ora nós sabemos que Deus concorre em tudo para o bem dos que O amam...”

“Porque estou certo...nada poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Jesus Cristo, Nosso Senhor. (Rm 8, 18 até ao fim).

- *“Ora, se se prega que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como dizem alguns de vós que não há ressurreição dos mortos? Se não há ressurreição dos mortos também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação e vã a vossa fé. E assim somos considerados falsas testemunhas de Deus porque contra Ele testificamos que ressuscitou a Cristo, a quem não ressuscitou, se, na verdade, os mortos não ressuscitam. Porque, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou; e, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé e permaneceis ainda nos vossos pecados.*

E também aqueles que morreram em Cristo pereceram. Se tão somente nesta vida esperamos em Cristo, somos os mais miseráveis de todos os homens. Mas não! Cristo ressuscitou dos mortos como primícias dos que morreram.” (1 Cor 15, 12-20)

- *“Cheios de confiança, desejamos sair deste corpo para habitar com o Senhor. Por isso, presentes ou ausentes, esforçamo-nos por lhe agradar. Porque todos havemos de comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba o que mereceu, conforme o bem ou o mal que tiver feito enquanto estava no corpo.” (2 Cor 5, 8-10)*
- *“Por isso não desfalecemos. Ainda que em nós se destrua o homem exterior, o interior renova-se diariamente. Porque a nossa leve e momentânea tribulação prepara-nos, para além de toda e qualquer*

medida, um peso eterno de glória. Por isso, não olhamos para as coisas visíveis, mas para as invisíveis, porque as visíveis são passageiras, ao passo que as invisíveis são eternas.” (2 Cor 4, 16-18)

- *“Assim também é a ressurreição dos mortos: semeia-se na corrupção e ressuscita-se na verdade. Semeia-se na ignomínia e ressuscita-se na glória. Semeia-se na fraqueza, e ressuscita-se na força. Semeia-se corpo natural e ressuscita-se corpo espiritual. Se há corpo natural, também o há espiritual...Mas não é o espiritual que vem primeiro, é sim o natural; o espiritual vem depois. O primeiro homem, tirado da terra, é terreno; o segundo veio do céu.” (1 Cor 15, 42-47)*
- *“Cada qual terá, pois, de levar a própria carga...Não vos enganéis: de Deus não se zomba. O que o homem semear, isso há de colher. Quem semear na carne, da carne colherá a corrupção; quem semear no Espírito, colherá a vida eterna. Não nos cansemos de praticar o bem...”(Gl 6, 5-9)*
- *“Se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo Espírito fizerdes morrer as obras da carne, vivereis. Na verdade, todos aqueles que são movidos pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus. Vós não recebestes um espírito de escravidão, para cair de novo no temor; recebestes, pelo contrário, um espírito de adoção, pelo qual chamamos. “Abba, Pai.” O próprio espírito atesta em união com o nosso espírito que somos filhos de Deus.” (Rm 8, 13-17)*
- *“Nós, porém, somos cidadãos do Céu e de lá esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo. Ele transformará o nosso corpo miserável, tornando-o conforme ao seu corpo glorioso, com o mesmo poder que Lhe permite sujeitar ao seu domínio todas as coisas.” (Fl 3, 20-21)*

Pistas de reflexão

- A nossa fé na Ressurreição dos corpos assegura-nos que renascemos gloriosos. Fala-se de ressurreição à nossa volta? O que é que ela representa para nós?
- Como suportar serenamente esta longa espera?
- Ao longo da nossa vida, o Senhor pede-nos para nos deixarmos desapegar: como aceitamos este desapego final?
- Como preparar juntos e cada um para o outro esta inelutável separação?
- Pensamos no significado da nossa invocação diária: “*Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte*”?

Regra de vida

- Escrever ao longo deste mês o meu testamento espiritual e a minha esperança na ressurreição de toda a minha pessoa, corpo e alma. (ver anexo 2).

Textos de apoio

1 - Dos nossos irmãos ortodoxos

Simplificamos, vezes demais, a realidade humana ao opor o lado carnal à dimensão espiritual, imaginando o homem como uma dualidade em luta: o que é carne estaria sujeito ao mal e votado à corrupção, a alma liberta do seu invólucro corporal purificar-se-ia e teria acesso à contemplação. Só ela é que poderia ser salva e partilhar a eternidade de Deus. Decorre desta atitude puritana uma desconfiança relativamente à carne. Pomos de lado tudo o que é carnal e, do outro, tudo o que é espiritual. A carne seria impura e a alma aspiraria à

pureza; o corpo seria terreno e a alma celeste. Deus criou o homem todo inteiro. O corpo só se torna mau se o espírito do homem, pelo seu pecado, se desvia de Deus e se serve dele para escravizar a alma.

Podemos, é claro, ler em São Paulo: *“Deditoso homem que eu sou! Quem me há de libertar deste corpo de morte?”* (Rm 7,24) ...Será que São Paulo desprezava a carne? De certeza que não, pois sabia que a carne era salva e glorificada pela vitória de Cristo sobre a morte: *“O corpo...é para o Senhor e o Senhor para o corpo. E Deus, que ressuscitou o Senhor, ressuscitar-nos-á também a nós pelo Seu poder. Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo?...Aquele, porém, que se une ao Senhor constituiu, com Ele, um só espírito...Não sabeis, porventura, que o vosso corpo é templo do Espírito Santo?...Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo.”* (1 Cor 6, 13-15, 17, 19,20)

“Deus está vivo”

2 - Ressurreição

No alvorecer de uma madrugada
palpitante de luz,
eu ressuscitar-te-ei.
Ninguém sabe o dia,
só eu o conheço.

Perdido aos olhos dos teus,
mas presente para mim,
vivendo no meu amor,
feito de eternidade,
de uma noite de sombra e de sofrimento,
vens ao meu encontro.

Não tenhas medo, sou o teu Senhor.

Amo-te e espero-te.
Far-te-ei novo e belo,
inteiro e diferente,
tu próprio e, no entanto, transfigurado,
pois eu venci a morte
e ressuscitar-te-ei.

Tirado do livro “*Diz-me a tua história*”

ANEXOS

ANEXO 1

ESCOLHER UMA CASA DE REPOUSO

Quando a pessoa em causa é capaz de decidir ela própria, é importante que tenha uma forte motivação pessoal e que tenha vontade de entrar para uma casa de repouso (muitas vezes uma necessidade de se sentir em segurança).

Actualmente, não é o caso mais frequente e as pessoas que entram para casas de repouso estão geralmente diminuídas e, na maior parte dos casos, são os filhos que escolhem e decidem.

Depois é preciso visitar os estabelecimentos e fazer as perguntas que são importantes.

Ambiente religioso

É um estabelecimento leigo ou privado e com uma orientação religiosa?

Existe uma capela ou um oratório?

Há um assistente espiritual?

Ambiente sócio-cultural

Importância da companhia: possibilidade de intercâmbio.

Poder partilhar com outras pessoas aquilo que vos interessa ou que foi importante durante a vossa vida.

Questões de ordem material

Possibilidade de levar os próprios móveis.

Horários.

Localização: proximidade dos transportes, afastamento do centro,

da família, etc

Preços...e hipóteses de apoios.

Têm sido feitos enormes progressos na área do internamento de pessoas de idade, e isso vai certamente continuar a acontecer!

A imprensa e os médicos têm um importante trabalho a fazer para informar e tranquilizar as famílias mas esta decisão deve ser tomada pela pessoa de idade suficientemente cedo para que possa haver uma boa adaptação.

Sejamos Criativos

Quem sabe se não seria possível que membros das Equipas; gozando ainda de boa saúde e tendo ainda capacidades para partilhar tomassem a iniciativa de criar, juntamente com outros, novas versões dos antigos “Béguinages” belgas. Nos béguinages, juntavam-se mulheres que, tendo terminado a sua vida activa ou familiar, punham em comum o seu ideal religioso e o seu desejo de dar as forças que lhes restavam aos mais pobres e aos doentes ao mesmo tempo que se amparavam umas às outras. Porque não pensar na ideia de casais reformados criarem comunidades deste género que poriam em comum: capacidades, dons diversos, recursos para permanecer o maior tempo possível ao serviço e continuar uma entreadjudada de amizade e espiritual?

ANEXO 2

PREPARAR A NOSSA PARTIDA

A preparação espiritual é indispensável mas devemos encarar também a preparação material da nossa morte.

Eis alguns problemas, entre outros, que podem surgir:

a) Organização da sucessão

b) Testamento material

c) Testamento espiritual

Em meia dúzia de linhas, exprimir a fé que vos moveu, as razões de viver que vos animaram. É também manifestar o vosso reconhecimento a todos aqueles que vos marcaram e perdoar àqueles que vos magoaram.

d) Funeral (despesas e procedimento), sepultura

É uma maçada a menos para o cônjuge ou para os filhos se estas questões tiverem sido estudadas antes da morte. Evitar trabalhos aos que ficam e facilitar-lhes a vida em todos estes assuntos pode ser um gesto não só de sabedoria mas também de caridade.

ANEXO 3

PONTO DE VISTA DUM MÉDICO SOBRE O FIM DA VIDA

Não é inútil salientar que a condição física de uma pessoa da 3ª ou 4ª idade, perante a diminuição das capacidades físicas e intelectuais na vizinhança da morte é, em certos aspectos, semelhante à de outro homem qualquer diante dos mesmos problemas, isto com referência aos doentes graves.

Há que ter consciência de que toda a pessoa dá testemunho aos outros a qualquer momento da sua vida. Até ao último momento, ela é um ser único que tem responsabilidades em relação aos outros. É preciso pois erradicar qualquer tentação de inutilidade, tão frequente e tão perigosa no entardecer da vida.

Não será nunca demais falar da importância e do impacto junto dos próximos, dos acompanhantes, dos que o tratam:

- de uma luta sem agressividade contra a diminuição das capacidades
- da paciência, da simpatia, do acolhimento aos outros, do sorriso.

Esta imagem de dignidade, de paz e de esperança, vinda dos avós, tem um impacto muito especial junto dos netos com quem têm muitas vezes uma relação profunda e privilegiada. Talvez seja esse o seu papel e o seu testemunho último e primordial.

Não insistiremos, uma vez já se falou do assunto, sobre as mudanças de ritmo do tempo no entardecer da vida:

- tempo do silêncio
- tempo da oração, especialmente sob a forma de oferecimento do que Teilhard de Chardin chama as “*passividades da vida*”. É mais fácil oferecer as nossas acções que as nossas renúncias.

A propósito da aceitação do sofrimento: *“É-nos dito que o Filho de Deus quis conhecer o sofrimento, e que, nele, aprendeu algo que ele, Filho de Deus, provavelmente não sabia... Isto é impressionante! E este “algo” não foi em vão, uma vez que é desta maneira - tornando-se igual a nós - que Deus nos salva assemelhando-nos a ele. O que eu estou a dizer não quer dizer absolutamente nada para aquele que está num sofrimento cruel. Mas, reflectindo comigo mesmo e com muitos outros, acredito que é nesse sentido que os cristãos devem ir à procura.”*

Esta marcha a caminho do Senhor, na oração, na confiança e na esperança permite vencer progressivamente grandes etapas:

- a revolta
- a aceitação dos tratamentos ou de um modo de vida mais lento
- a aceitação dos remédios que limitam a dor ou o desconforto
- enfim, saber olhar de frente para a morte e falar disso

Esta longa marcha progressiva só se pode viver na verdade reconhecida e revelada progressivamente com tacto e com amor.

Isto mostra o quanto é importante a relação com os próximos e com os que nos tratam. Quantas coisas por dizer, de uma parte e de

outra, fazem desenvolver a solidão, a angústia e o medo, aumentando tanto o sofrimento afectivo de uns e de outros! Se já não há diálogo, deixa de haver entreajuda humana e espiritual pois, de uma parte e de outra, temos medo de falar de uma realidade que preocuparia ou magoaria o outro quando, ao contrário, essa conversa seria libertadora. O silêncio nem sempre é coragem, é muitas vezes a expressão de uma imensa solidão. E, para os casais, não seria ali a ocasião de um último e fecundo Dever de Se Sentar, de uma partilha do mais profundo de nós próprios, na confiança, na paz e na esperança?

Claro que não se trata de fingir que nada se passa; a tristeza, o sofrimento persistem, por vezes mesmo, a tentação da dúvida como a viveu também Cristo. Mais uma razão para que a oração e a entreajuda ajudem a acolher, na paz, Cristo que se aproxima.

É talvez também o tempo da reconciliação com os nossos próximos e os nossos muito próximos, quando feridas profundas tornaram tristes uma parte da nossa vida - **Saber apresentar-se a Cristo reconciliados com os homens.**

Gostaria finalmente de falar de duas tentações:

A que eu chamaria *a droga religiosa*. Manifesta-se pela única procura do milagre da cura, na oração. É ocasião para meditar nas palavras de Cristo no Getsemani: “*Pai, se tu quiseres, afasta de mim este cálice, mas que não se faça a minha vontade mas sim a tua.*” (Lc 22, 42).

A segunda tentação, da qual se sente actualmente um certo impulso mediático é a *eutanasia*. Não devemos confundi-la com a recusa de uma obstinação terapêutica que é a negação do respeito pelo homem cujas técnicas actuais permitem prolongar a vida em condições desumanas. Há aqui um discernimento ético indispensável a exigir dos doentes (se o puderem), dos que o rodeiam e dos que o tratam. O direito à morte natural é tão fundamental como o direito à vida.

A eutanásia é a decisão de suprimir uma vida, adiantando-se à chamada de Deus. Um estado depressivo extremo ou um sofrimento insuportável podem estar na origem desta decisão. Deve-se então tratar, aliviar e não julgar. Mas, fora estes casos, esta decisão deliberada é na realidade uma negação do valor humano e espiritual do homem, da mesma ordem que a da obstinação terapêutica. É também uma diligência que traumatiza, por vezes gravemente, os que nos rodeiam. Há ali um contra-testemunho humano e espiritual.

Falta, por fim, referir, na eventualidade desta decisão, o desejo de não querer incomodar ou ser um peso para o que nos rodeiam. Parece-nos ser uma falsa razão, que esconde uma solidão extrema. Coloca-se de novo o problema do diálogo entre aqueles que estão no fim da vida e os que o rodeiam.

ANEXO 4

MANTER A VIDA A QUALQUER PREÇO

Hoje em dia, a propósito de cada tratamento médico, é importante questionarmo-nos se ainda há *utilidade*, quais são os *benefícios* que, razoavelmente, se podem esperar, e quais seriam *as dificuldades ou as privações* que o doente teria de suportar. Deveríamos-nos obviamente abster de tratamentos ou exames *inúteis* e daqueles que fossem *provações extremas* (por exemplo uma mutilação muito extensa). Mas, a maior parte das vezes, temos de nos questionar se os benefícios esperados estão em *proporção razoável* com as dificuldades ou privações que implicariam a manutenção ou o início do tratamento...

Os critérios de inutilidade, de provação extrema e de desproporção permanecem vagos. Uma análise séria e leal da situação do doente é indispensável para ver se podem ou não ser aplicados...

Além de tudo isto, os doentes graves não precisam só de remédios que combatam a sua doença; precisam também, muitas vezes, de alí-

vio do sofrimento e de um apoio de ordem relacional, espiritual (e religioso para os crentes). Trata-se de actuar (ou de se abster) em função das prioridades reconhecidas após uma reflexão apropriada. É nisto que consiste um verdadeiro *cuidado*, adaptado à situação do doente. Não se tenta então provocar a morte, mas *cuidar*, de uma forma humana e apropriada, de uma pessoa que sofre de uma doença grave. Não há, pois, razão alguma para falar de eutanásia passiva, em caso de abstenção de tratamento devidamente reflectida.

Patrick Verspieren, Jesuíta

ANEXO 5

ORAÇÃO PARA O CRESPÚSCULO DA VIDA

De uma velhice pacífica e serena,

Concede-me a graça, Senhor.

De uma velhice centrada nela própria e em penas inúteis,

Preserva-me, Senhor.

E se a dúvida me assalta,

Ilumina-me, Senhor.

Se a aproximação da morte me angustia,

Acalma-me, Senhor.

Se a doença põe à prova o meu corpo,

Fortifica-me, Senhor.

Se a solidão entristece o meu coração,
Visita-me, Senhor.
Se a morte me surpreender de repente,
Ou se se aproximar lentamente de mim,
Não me largues, Senhor.

Michel Hubaut

BIBLIOGRAFIA

Madeleine Delbrêl - Alegria de crer

François Varillon - Alegria de crer, alegria de viver, ed A. O. Braga

- Viver o Evangelho, ed A. O. Braga
- Sofrimento de Deus, ed A. O. Braga

Padre Monbourquette – Perder, amar, crescer

Padre Pierre Talec – A Serenidade, ed. Centurião

Betty Fridan - A revolta da 3ª idade

Cardeal Danneels – Dizer adeus, viver dentro da fragilidade

Alliance – nº 111- Face à morte

Joseph Stricker – A morte, do nada ao amor

Padre Henri Caffarel - L'Anneau d'Or – Nº especial:

O casamento, caminho para a Deus
- Oração interior, ed A. O. Braga

- Nas encruzilhadas do amor, ed A. O. Braga

Gilbert Cesbron - A passagem de certa idade

Paul Sporker – O direito de morrer

Michel Hubaut – A vida ao lado da vida

Padre Léon Burdin – Falar da morte

René Berthier – Viver a sua morte

Bernard Sesboné – A ressurreição e a vida

Vários – Eucaristia: Um outro gosto da vida

João César das Neves – O reino de Deus está próximo, ed. S. Paulo

Slawomur Bula – Só Deus basta

Padre Luís António Miranda – Encontro marcado, ed. S. Paulo

Dário Pedroso - Tempo para Deus, ed A. O. Braga
- Caminhar no espírito, ed A. O. Braga

SENHOR, ENSINA-ME A ENVELHECER

Ajuda-me a reconhecer
as coisas boas da minha vida,
dá-me força para aceitar
as minhas limitações
cedendo aos outros o meu lugar,
sem ressentimentos nem recriminações.
Que eu aceite ir-me desapegando das coisas,
e veja nisso uma sábia lei da tua Providência
que regula o tempo e preside à vida das gerações

Faz, Senhor,
que eu seja ainda útil para o mundo,
com as minhas pequenas tarefas,
mas sobretudo com o meu testemunho
de paciência e bondade,
de serenidade, alegria e paz.

Dá-me, Senhor, a tua força

para enfrentar as contrariedades de cada dia,
particularmente a doença e a solidão.

Que os últimos anos da minha vida mortal,
sejam como um pôr de sol feliz,
na oração e na caridade,
na compreensão e na esperança,
que eu saiba envelhecer e morrer
com a serenidade e a coragem
com que Tu, Senhor, morreste na Cruz!

Para que um dia possa também ressuscitar
para a glória do Teu e nosso Pai
e ir ao encontro daqueles
que partiram antes de mim!
Ámen.

Confiemo-nos à Virgem:

*“Ela levar-nos-á a todos no seu manto
à tua morada, ó meu Deus,
onde, pouco a pouco, a manhã eterna acordará a nossa
alma.”*

*Marie-
Noël*

*Há dois momentos importantes na nossa vida,
o presente e o momento da nossa morte.*

Maurice Schuman

**ROGAI POR NÓS
AGORA E
NA HORA
DA NOSSA MORTE**

MAGNIFICAT

**A minha alma glorifica o Senhor
e o meu espírito se alegra em Deus meu salvador.**

**Porque pôs os olhos na humildade da sua serva,
de hoje em diante me chamarão bem-aventurada
todas as gerações.**

**O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas,
Santo é o seu nome.**

**A Sua misericórdia se estende de geração em geração
sobre aqueles que O temem.**

**Manifestou o poder do seu braço,
e dispersou os soberbos.**

Derrubou os poderosos de seus tronos,

e exaltou os humildes.

**Aos famintos encheu de bens
e aos ricos despediu de mãos vazias.**

**Acolheu a Israel seu servo,
lembrado da sua misericórdia,
como tinha prometido a nossos pais,
a Abraão e à sua descendência para sempre.**

**Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
como era no princípio, agora e sempre.**

Ámen.